ÉLISÉE RECLUS

DA AÇÃO HUMANA NA GEOGRAFIA FÍSICA

GEOGRAFIA COMPARADA NO ESPAÇO E NO TEMPO



Editora Imaginário

EXPRESSÃO & ARTE EDITORA

Projeto Editorial
Plínio Augusto Coêlho

Ilustração da capa
Franz Marc, *Tirol, país pobre*, 1913.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reclus, Élisée, 1830-1905.
Da ação humana na geografia física ; Geografia comparada no espaço e no tempo / Élisée Reclus ; organização e tradução Plínio Augusto Coêlho. -- São Paulo : Expressão & Arte : Editora Imaginário, 2010.

Título original: De l'action humaine sur la géographie physique ; Géographie comparée dans l'espace et dans le temps.
"O pensamento geográfico de Élisée Reclus / Paul Boino"

ISBN 978-85-7935-001-6

1. Geografia 2. Reclus, Élisée, 1830-1905 - Crítica e interpretação I. Coêlho, Plínio Augusto. II. Boino, Paul. III. Título. IV. Título: Geografia comparada no espaço e no tempo. V. Título: O pensamento geográfico de Élisée Reclus.

10-05781 CDD-910

Índices para catálogo sistemático:

1. Geografia : História e crítica 910

Expressão e Arte Editora
Rua Waldemar Martins, 926 - Casa Verde
Tel. 11-3951-5240 / 3966-3488 Fax 11-3951-5188
02535-001 São Paulo - SP
www.expressaoearteeditora.com.br
expressaoearte@terra.com.br

Editora Imaginário
Rua Espártaco, 456 - Vila Romana
Tel. 11-3864-3242
05045-000 São Paulo - SP
www.editoraimaginario.com.br
ed.imaginario@uol.com.br

Impresso no Brasil
2010

ÉLISÉE RECLUS

DA AÇÃO HUMANA NA GEOGRAFIA FÍSICA

GEOGRAFIA COMPARADA NO ESPAÇO E NO TEMPO

Organização e Tradução
Plínio Augusto Coêlho

Editora Imaginário

EXPRESSÃO & ARTE EDITORA

SUMÁRIO

NOTA DA EDIÇÂO

O artigo de Paul Boino "O Pensamento Geográfico de Élisée Reclus", servindo de introdução a esta obra, foi publicado na brochura *Élisée Reclus*, Les Éditions Libertaires, Paris, 2008.

Reunimos na presente obra três textos de Élisée Reclus: **Prefácio** de *O Homem e a Terra*, volume I; ***Da Ação Humana sobre a Geografia Física***, publicado em 1864 na *Revue des Deux Mondes*; ***Geografia Comparada no Espaço e no Tempo***, aula inaugural de seu curso ministrado em Bruxelas, publicado pela *Revue Universitaire*, em 1894.

O PENSAMENTO GEOGRÁFICO DE ÉLISÉE RECLUS

Paul Boino

O que surpreende, quando se estuda a obra científica de Élisée Reclus, é, de início, a quantidade colossal de escritos que ele legou-nos. Foram dezenove volumes para A *Nova Geografia Universal*, ou seja, não menos que 17.873 páginas e 4.290 mapas realizados entre 1872 e 1895; dois tomos para A *Terra, descrição dos fenômenos da vida do globo*; seis tomos para O *Homem e a Terra*, aproximadamente 4.000 páginas, e isso sem contar a centena de artigos publicados em revistas científicas de diferentes países e algumas outras obras (*História de um riacho* etc.)

Outra coisa surpreendente é a qualidade de sua obra que desenvolve análises arrebatadoras sobre o capitalismo, o colonialismo, mas também sobre a urbanização, as mutações sociais e, além do

mais, funda, para ser exato, uma grade de análise, uma maneira de ver o mundo em sua globalidade e em suas dinâmicas.

O que também surpreende, sobretudo, é a maneira como sua obra foi alternadamente celebrada, oculta e, mais recentemente, parcialmente redescoberta pela comunidade científica, e, de maneira particular, na França.

Em sua vida, Reclus era, com efeito, considerado um pesquisador de primeiro plano, convidado a publicar em diferentes revistas internacionais (*La Revue des Deux-Mondes, Revue Philosophique, Bulletin de la Société de Géographie de Paris, Revue Germanique, Revue Politique et Littéraire)* e proferir conferências atendendo a convites de institutos prestigiosos (Université Nouvelle de Bruxelles, Société de Géographie d'Anvers, Royal Geographical Society de Londres, Société d'Astronomie de Bruxelles etc.). Esse reconhecimento científico foi-lhe, por sinal, muito precioso no plano político, pois lhe permitiu beneficiar-se do apoio de cientistas de renome (dos quais Darwin, Woodward etc.) quando foi encarcerado e condenado por sua participação ativa na Comuna de Paris.

Para além do estrito meio científico, ele também era conhecido por um vasto público (inicialmente graças a seus guias e a sua obra *História de um riacho*). Suas obras foram editadas aos milhares

de exemplares, amiúde reeditados e traduzidos para o inglês, o russo, o italiano, e o espanhol.

O contraste é grande quando se constata o quanto sua obra e seu nome foram rapidamente esquecidos após sua morte. Poder-se-ia pensar que isso resulta simplesmente da chegada incessante de novos progressos científicos que teriam rapidamente enterrado a obra de Reclus. A inelutável marcha da ciência teria simplesmente tornado obsoletas as concepções que ontem ainda pareciam vanguardistas. Manifestamente, foi a esse tipo de conclusões apressadas que a maioria dos geógrafos franceses esforçou-se para fazer-nos crer. Com efeito, logo após a sua morte, a obra de Reclus foi tachada, nem mais nem menos, de geografia pré-científica unicamente descritiva, de certa forma uma obra de uma outra época que teria se tornado caduca por aquela de Vidal de la Blache (outro grande geógrafo francês), único e verdadeiro fundador da geografia científica moderna.

Malgrado sua enorme difusão, e em longo período, essa teoria de uma evolução histórica da disciplina não resiste, contudo, pois seus dois postulados de base são totalmente infundados.

Por um lado, os dois geógrafos eram contemporâneos (Reclus tinha exatamente quinze anos mais que Vidal); suas respectivas obras mais importantes (*O Homem e a Terra*, de Reclus e *Quadro*

Géografico da França, de Vidal) foram publicadas no mesmo ano de 1905. A obra de Vidal em nada sucedeu aquela de Reclus; as duas coexistiram.

Por outro lado, a obra de Vidal em nada refutou aquela de Reclus. Cada um desenvolveu uma concepção particular do que devia ser ou não a geografia.

Reclus fundou (principalmente) uma geografia social, econômica e política colocando em relevo os modos de produção, os sistemas de exploração capitalista e de opressão estatista. Os títulos dos capítulos dos dois últimos tomos de *O Homem e a Terra* são, quanto a isso, particularmente edificantes: repartição da população e processo de povoamento, urbanização, agricultura e formas de propriedade, indústria e comércio, educação e ciência. Quanto a Vidal, este construiu uma geografia regional embasada na descrição das paisagens e numa geografia humana repousando no estudo dos tipos de vida.

Assim, o *Quadro Géografico da França* de Vidal praticamente não trata da urbanização (em 386 páginas só cinco são consagradas a Paris), da industrialização ou mais globalmente da evolução econômica e social. Do mesmo modo, seus *Princípios de Geografia Humana* consagram apenas cinco páginas às cidades, nada sobre a indústria ou a colonização. Conforme se pode constatar, as abordagens

desses dois geógrafos são muito diferentes, não porque uma invalidava as análises da outra, mas simplesmente porque elas não tratavam da mesma coisa.

É sobre essa questão do campo da geografia que as análises reclusianas foram, por sinal, evacuadas. Como bem ressaltaram B. Giblin e Y. Lacoste[1], a escola vidaliana operou uma forte redução do campo de sua disciplina, depois refutou como não-geográfico tudo o que não entrava no estreito âmbito que ela havia definido. Assim, Jean Brunhes[2] pôde escrever desde 1910 sobre Reclus: "Prefiro não falar aqui da obra póstuma de Reclus *[O Homem e a Terra]* que contém interessantes aspectos geográficos, mas que é sobretudo história e sociologia". Em outros termos, como não é geografia, não se trata disso. Para evitar tratar das questões sociais, econômicas, políticas, da luta de classes, das contradições econômicas, do colonialismo e do imperialismo (entre outras coisas) os vidalianos reduziram a geografia à caricatura, a ser apenas uma simples *ciência dos lugares* (para retomar a definição do próprio Vidal de la Blache).

---

[1] Y. Lacoste, revista *Hérodote*, nº 22.

[2] J. Brunhes, 1910, 3ª edição resumida 1956, *La Géographie Humaine*, Paris, P.U.F.

Assinalemos, de passagem, que não foi tanto Vidal quem apequenou essa disciplina, mas, antes de tudo, seus sucessores. Vidal também pagou por isso, ao menos parcialmente, pois sua última obra (*A França do Leste*, publicada em 1917) que tratava de uma questão política (a Alsácia-Lorena, anexada à Alemanha desde a guerra de 1870) também foi em seguida ocultada. Reduzindo, assim, o campo da geografia, os vidalianos só conservaram da obra de Reclus as partes descritivas, as observações (sobre as quais repousavam evidentemente suas análises) e contentaram-se em tachar sua obra de essencialmente descritiva. Ainda em 1969 André Meynier em sua *Histoire de la Pensée Géographique* continuava a apresentar Reclus como o melhor representante da geografia descritiva. Ele simplesmente omitia assinalar que não era levada em conta senão uma parte de sua obra, e que suas análises haviam sido propositadamente deixadas de lado. Essa escamoteação foi muito fácil de realizar, pois a obra de Reclus presta-se bem a isso. Com efeito, por contrato com seu editor, Reclus engajara-se em sua obra, A *Nova Geografia Universal*, a não externar suas opiniões. De fato, nessa obra não encontramos análises aprofundadas senão na virada de uma página, em muitos parágrafos, é verdade, mas dispersas nos 19 volumes de A *Nova Geografia Universal*. Em contrapartida, em O *Homem e*

a Terra, como o ressalta muito bem seu sobrinho Paul[3], Reclus pôde manifestar globalmente seu pensamento e expor sua grade de análise. Ocultando simplesmente uma das duas mais importantes obras de Reclus, os vidalianos desejaram não desacreditar totalmente sua contribuição científica, mas diminuir fortemente seu alcance analítico.

Será preciso aguardar muitos anos para que o campo da geografia abra-se novamente. Foi só no transcurso dos anos 1950, sob a influência de Pierre George[4], que pesquisas em geografia urbana e em geografia econômica tornam a desenvolver-se para resultar na fundação de uma nova corrente: a geografia radical. Entretanto, não se fez referência a Reclus. É verdade, como lembra Y. Lacoste[5], nessa época, era relativamente difícil encontrar as obras de Reclus. Isso permite compreender que esses geógrafos que surgiram após a Segunda Guerra Mundial tivessem realmente a impressão de abrir, pela primeira vez, a geografia a novos horizontes. Também se deve dizer que inúmeros geógrafos vidalianos os confortaram nessa impressão ao declarar, em

---

[3] P. Reclus, 1964, *Les frères Reclus, Élie et Élisée, ou du Protestantisme à l'Anarchisme*, Les amis d'Élisée Reclus, Paris.

[4] P. George, 1951, *Introduction à l'étude géographique de la population mondiale*.

[5] Y. Lacoste, revista *Hérodote*, nº 22.

substância, que no tempo de Vidal, a geografia estava, em fim de contas, em seus começos; que ela não tinha podido levar em consideração todas as questões do mundo, mas que, progressivamente, desenvolvera-se e enriquecera-se. Todavia, como já o vimos, a obra de Reclus mostra que essa teoria de uma evolução histórica é falsa. Desde a origem, a geografia abordou as questões econômicas, políticas e sociais, e foi por escolha voluntária que a corporação dos geógrafos abandonou esses terrenos.

Para voltar a esse período do pós-guerra, assinalemos ainda que a ausência de referência a Reclus não se resume sem dúvida a uma simples questão de raridade de fontes. Podemos adiantar a hipótese de que o fato de que esses geógrafos eram marxistas também explica, em parte, sua rejeição pelas análises reclusianas. Com efeito, a oposição política entre anarquistas e marxistas tem naturalmente uma retranscrição no plano científico. Para esses geógrafos marxistas, o espaço só podia ser o produto de uma história, determinada ela própria pelas relações de produção. A *contrario*, para Reclus, o espaço não era simples e unicamente um reflexo do sistema econômico. O espaço era simultaneamente um reflexo da sociedade, uma aposta social, um quadro de realização das relações sociais e um fator influindo na sociedade. Além disso, Reclus, sendo anarquista, não considerava que tudo

era redutível à única questão das relações econômicas e de sua evolução histórica. Podemos supor, definitivamente, que essa oposição político-científica entre geografia social (reclusiana) e geografia radical (marxista) sem dúvida desempenhou importante papel na não-redescoberta de Reclus nesse imediato pós-guerra. Observemos, contudo, que a oposição não se dava mais no campo da geografia como com os vidalianos, mas na grade de análise a ser adotada.

Foi preciso aguardar os anos 1970 para que a obra de Reclus enfim saísse da sombra. A revista *Hérodote* consagrou-lhe vários artigos a partir de 1976, e, inclusive, um número inteiro em 1981. Foi organizado um colóquio em Bruxelas, em 1985. Na França, um laboratório de pesquisa prestigioso adotou seu nome (GIP-Reclus, em Montpellier), bem como uma rede de pesquisa (Réseau Reclus). Enfim, sob a direção de R. Brunet, uma nova geografia universal foi lançada e editada sob o selo Reclus. Ontem enterrado, uma parte da comunidade científica pôs-se, então, a cantar louvores a Élisée Reclus. Para o geólogo americano, James O. Berkland, Reclus talvez seja o primeiro partidário da deriva dos continentes. Para Henri Nicolai da Universidade Livre de Bruxelas, ele associou certas formas de relevo atual a períodos climáticos do passado. Para Gary S. Dunbar, ele inventou a geogra-

fia social, que é efetiva e explicitamente o fio condutor dos seis tomos de *O Homem e a Terra*. Para o russo Anuchin, ele forja o conceito de meio ambiente geográfico. Para Y. Lacoste, é o primeiro geopolítico e, comparativamente a Vidal de la Blache, de longe o geógrafo francês mais importante. Enfim, em conclusão, para R. Brunet (fundador do GIP-Reclus e diretor da *Géographie Universelle*), Reclus é nada mais nada menos que um pioneiro.

O mínimo que se possa dizer é que, em um século, a apreciação de Reclus terá conhecido importantes flutuações no meio científico. Convém, contudo, desconfiar do senso comum que poderia levar-nos a crer que se trataria de moda. Assim como a música, a cozinha ou ainda o vestuário, Reclus teria ficado fora de moda, depois voltado ao gosto do dia não se sabe por que razão. Na realidade, existem fatores objetivos que convém ressaltar a fim de mostrar que o reconhecimento científico de Reclus não resulta única ou simplesmente da qualidade intrínseca de seus trabalhos, mas também do contexto no qual eles se encontravam. Antes de Reclus e Vidal, a geografia francesa era antes de tudo um instrumento nas mãos das classes dirigentes no plano político bem como no econômico. Em 1876, um ministro ainda a definia como essa ciência que se impõe com igual autoridade aos chefes de nossos exércitos, aos diretores de nosso

comércio, aos ministros de nossa diplomacia[6]. Com a instauração da instrução pública e obrigatória, a geografia viu, em seguida, atribuir-se uma outra função, aquela de inculcar (com a história) aos futuros cidadãos franceses uma consciência nacional. Naquela época, se a geografia possuía uma dupla função de instrumentos de comando e imposição da ideologia dominante, ela não se beneficiava, ou muito pouco, de reconhecimento no plano científico. Foi nesse contexto que os geógrafos lançaram-se na batalha para o reconhecimento de sua disciplina como ciência em sua totalidade. A situação não era simples, pois um debate "musculoso" estabelecera-se entre os partidários da geografia, da história e da sociologia para saber quais dessas disciplinas eram ou não científicas e, no plano institucional, quais deveriam ser ou não ensinadas na universidade. Se o contexto científico foi importante, ele não foi o único, longe disso, a influenciar os debates. É preciso também se recordar que, entre 1870 e 1914, a França vivia na lembrança sangrenta da Comuna de Paris, e estava mergulhada em um clima de chauvinismo revanchista em relação à Alemanha.

---

[6] E. Picard, 1876, *Lettre à la Revue de Géographie*, *Revue de Géographie*, nº 1.

De fato, é nesse duplo contexto científico e político que a corporação dos geógrafos franceses operou uma escolha entre as abordagens reclusiana e vidaliana. Essa escolha foi efetuada não na óptica de designar qual das duas era ou não científica, mas, de maneira mais prosaica, qual das duas era capaz de fazer reconhecer sua disciplina como científica (e isso, evidentemente, pelo poder político), o que, no plano institucional, traduzir-se-ia pelo ingresso na universidade. O âmbito e os objetivos tendo sido postos, os perfis dos dois geógrafos estavam seguramente mais ou menos adaptados. Por um lado, Vidal de la Blache, politicamente conservador, preconizava uma geografia que não aborda a questão social, para centrar-se no estudo das paisagens e dos tipos de vida. Com Vidal, a geografia podia esperar obter um estatuto científico tornando-se neutra politicamente. Por outro lado, Reclus, ex-*communard* e anarquista, refutava simultaneamente a geografia como instrumento de poder e de doutrinação, mas igualmente uma geografia ilusoriamente apolítica. Para ele, a geografia devia ser simultaneamente um meio para compreender o mundo, analisar seus desequilíbrios, tentar circunscrever qual poderia ser seu equilíbrio, e também um instrumento para formar cidadãos no sentido anarquista do termo e um instrumento para a ação política. Em sua perspectiva, ciência e política

estavam indissoluvelmente ligadas. Pode-se dizer, por sinal, como o analisa Y. Lacoste, e isso sem efeito retórico, que Reclus não foi um geógrafo e um anarquista, mas um geógrafo-anarquista. Sua obra científica é constantemente enriquecida por suas concepções políticas e, reciprocamente, suas análises científicas subentendem suas análises políticas. Compreende-se, portanto, que o perfil de Vidal (bem como o de sua geografia) tivesse bem mais adaptado do que aquele de Reclus. Conforme mostrou V. Berdoulay[7], a vitória da escola vidaliana sobre o pensamento reclusiano explica-se antes de tudo por essas razões. Por um lado, as teorias vidalianas harmonizavam-se com o novo regime da 3ª República. Por outro lado, seu corolário, as análises de Reclus, confrontavam-se em demasia com a ordem estabelecida. Como se podia esperar disso, Vidal tornar-se-á o primeiro professor de geografia na Sorbonne, e sua geografia será, depois da Primeira Guerra Mundial, a única cientificamente reconhecida na França. Reclus foi, no entanto, chamado para a Universidade Livre de Bruxelas como professor (de fato, ele não ensinará ali por causa da vaga de atentados anarquistas da década de 1880). Isso não quer dizer que o contexto belga fosse muito

---

[7] Berdoulay V., 1981, *La formation de l'école française de géographie, 1870-1914*, Paris, Bibliothèque Nationale.

diferente daquele da França, e ainda menos que os geógrafos belgas tivessem aderido às idéias libertárias. De fato, na Bélgica (como na França), os geógrafos batalhavam para ingressar na universidade, mas, sem dispor de personalidade internacionalmente reconhecida, alguns viram em Reclus o portador possível de um reconhecimento oficial de sua disciplina como tão bem ressaltou Charles Vandermotten (presidente da Société Royale Belge de Géographie) durante o colóquio de Bruxelas.

Da mesma maneira, o estudo do contexto e do que está em jogo também permitiria esclarecer a não-referência a Reclus pelos partidários da geografia radical, durante os anos 1950. Nós nos limitaremos simplesmente a ressaltar aqui, como tão bem expressou Y. Lacoste, que se Reclus fosse marxista, sem sombra de dúvida sua obra teria sido exumada desde essa época. Com efeito, os defensores da geografia radical de então eram não só marxistas, mas também e sobretudo estavam ligados diretamente ao Partido Comunista Francês, quando não eram filiados a ele. E, para aqueles que não o sabem, podemos precisar, eufemizando, que o P.C.F., nessa época, não brilhava especialmente por sua abertura de espírito.

Em contrapartida, é mais interessante demorar-se sobre as reais razões que presidiram à redescoberta de Reclus no transcurso dos anos 1970.

Contrariamente ao que se poderia crer, isso não resulta de um efeito 68 qualquer, mas da crise existencial em que se encontrava mergulhada a geografia nessa época. Com efeito, esta última estava colocada a rude prova no seio do mundo científico, não apenas porque outras disciplinas tratavam com sucesso do espaço natural e físico já há décadas (a geologia, a astrofísica, a biologia, a ecologia etc.), mas também e sobretudo porque, mais recentemente, um certo número de ciências sociais e humanas (sociologia, etnologia, psicologia etc.) também se puseram a abordar a questão das relações entre a sociedade (ou o indivíduo) e o espaço. Não só elas trabalhavam no mesmo campo que a geografia (o espaço), mas também tratavam, e com sucesso, de problemáticas que a geografia vidaliana tinha, no que a concernia, rejeitado como não-geográficas e que a geografia radical também não podia conceber tendo em vista a estreiteza de sua grade de análise, a territorialidade, as representações espaciais, as estratégias espaciais, o caráter específico da segregação espacial (ligado, mas não idêntico à segregação social) etc.

Concebe-se, portanto, que tenha se apresentado com força a questão da especificidade da geografia, para não dizer de sua própria utilidade. Se outras disciplinas tratassem com mais sucesso questões de relações entre o indivíduo, a sociedade e o

espaço (consideradas como o campo de influência da geografia), para que servia, então, essa disciplina?

Essa crise provocou um debate interno, conduzido pelos jovens geógrafos de então para redefinir o campo, a função e os objetivos de sua disciplina. Foi nesse âmbito que a obra de Reclus foi exumada ou, mais exatamente, invocada para legitimar as posições de certas facções em oposição. Com efeito, as duas grandes tendências da geografia francesa atual (a *Geopolítica* de Y. Lacoste e a *Nova Geografia* de R. Brunet) emanaram ambas desse grande debate epistemológico, e ambas reivindicam mais ou menos Reclus. Isso não as impede, por sinal, de opor-se regularmente. Não há dúvida de que essa referência a Reclus não corresponde, ao menos em parte, à busca de um pai fundador mais apresentável que Vidal ou Marx (que nunca fez geografia e que propõe uma grade de análise perfeitamente anespacial). Todavia, deter-se aí seria um pouco redutor. Com efeito, essa referência não é apenas simbólica, ela tem um autêntico conteúdo, ainda que o que é conservado de Élisée Reclus em Y. Lacoste e R. Brunet seja relativamente diferente.

O que Y. Lacoste retém de Élisée Reclus é, no essencial, suas análises geopolíticas, isto é, sua análise territorializada do poder político e militar dos Estados, e isso por duas razões principais. A pri-

meira é que a geopolítica fora desacreditada pelo funesto precedente do alemão Ratzel, cujas análises haviam servido a legitimar a política expansionista dos nazistas (a teoria do espaço vital). As análises de Reclus são preciosas, pois elas provam de fato que uma geopolítica não-fascista é possível. Esse ponto é ainda mais importante porque Yves Lacoste lutava justamente, nos anos 1970, para legitimar o desenvolvimento de pesquisas em geopolítica, enquanto a corporação dos geógrafos franceses era globalmente hostil a isso. A segunda razão é que a abordagem de Reclus, e contrariamente àquela de Ratzel, evita afundar no simplismo dos geografismos[8]. Com efeito, como o ressalta Lacoste, "os raciocínios de Reclus têm, sobre aqueles de Ratzel, a incontestável superioridade científica e política de dar um grande espaço às contradições de classe no interior de cada formação política, enquanto as concepções do geógrafo alemão

[8] Procedimento pelo qual personifica-se uma entidade geográfica [um Estado, uma região, uma cidade] o que permite apagar as diferenças existentes no seio dessa entidade. Por exemplo, para Vidal, é a região que produz enquanto para Reclus, são os operários e os camponeses. Ou, ainda, como numa certa prosa, é o Norte que explora o Sul, enquanto para os anarquistas são burguesias do Norte que exploram proletários ao Norte bem como ao Sul, e, bem amiúde, neste último caso, com a ajuda de pequenas burguesias locais.

não levam em conta isso a fim de poder raciocinar em termos de entidades quase metafísicas: os povos[9]". Em definitivo, o que interessa Lacoste são as análises geográficas de Reclus relativas aos Estados, ao colonialismo, ao imperialismo etc., não apenas como feliz precedente, mas também em sua maneira de apresentar os problemas diferenciando a sociedade de sua estrutura estatista.

O que R. Brunet retém de Reclus é ao menos diferente. Com efeito, no transcurso dos anos 1970, R. Brunet lutou para fundar o que denominou *Nova Geografia*, isto é, uma geografia cuja função essencial é explicar as estruturas espaciais (as redes de cidades, por exemplo), tanto na maneira como a sociedade as gera, como na maneira como elas influem, por sua vez, na sociedade humana. Contrariamente a Yves Lacoste, as questões tratadas são de fato raramente políticas. Todavia, pode-se apreender um laço muito claro entre a *Nova Geografia* e certos aspectos da obra de Reclus. Com efeito, Reclus também tentou estudar certas estruturas espaciais (aquelas das redes de cidades) e tentou circunscrever os determinantes naturais e sociais que podiam contribuir para sua formação e sua evolução[10].

---

[9] Y. Lacoste, revista *Hérodote*, nº 22.

[10] Élisée Reclus, 1895, *The Evolution of Cities, Contempory Review*, traduzido e tirado do esquecimento apenas em 1988 por

As referências atuais a Reclus não são simplesmente simbólicas, contudo, isso não significa que assistamos a uma ressurgência da geografia reclusiana. Certas idéias de Reclus foram há pouco reapreciadas, no entanto, seguramente também de modo parcelar e em lógicas próprias àqueles que as tomaram emprestadas. Essas lógicas amiúde têm muito pouco a ver com aquela de Reclus.

Assim, por exemplo, a referência efetiva a Reclus, internacionalista e antiestatista, em nada impede Lacoste de fundar sua análise na Nação e no Estado. Bem mais, eventualmente se pode encontrar em *Hérodote* análises que diferenciam muito pouco a sociedade do Estado, o que, pelo menos, roça o geografismo vidaliano de base. Do mesmo modo, a referência a Reclus, partidário da unidade da geografia[11] e anticapitalista virulento, em nada impede R. Brunet de eliminar regularmente de seus modelos os fatores naturais (assim, a banana azul[12]

Chamboredon J. C. & Mejean A. em *Cahiers d'Économie et de Sociologie Rurale*, nº 8, depois retomado em Roncayolo M & Paquot Th., 1992, *Villes et Civilisation Urbaine, XVIIIe-XXe siècles*, pp. 158-173.

[11] Quer dizer, partidário de uma geografia que estuda tanto os fatores naturais quanto humanos, e notadamente suas interações.

[12] R. Brunet denomina assim uma rede de cidades européias que se estende globalmente da Inglaterra ao Norte da Itália.

estende-se sem problema acima do canal da Mancha e dos Alpes) ou não levar em conta as contradições de classes. Devemos, portanto, tomar cuidado ao basear-nos nos trabalhos atuais (mesmo aqueles com o selo Reclus) para compreender o que era o pensamento científico deste último. Com efeito, se sua obra científica não é simplesmente descritiva como quiseram fazer crer os vidalianos e alguns marxistas, ela também não se resume a uma simples justaposição de análises mais ou menos pertinentes, mas relativamente independentes umas das outras.

Reclus desenvolveu um pensamento geográfico global e coerente, que não pode ser restituído quando secionamos suas análises em partes. Seus trabalhos cobrem o conjunto do campo da geografia, tanto em geografia humana quanto em geografia física (o principal é *La Terre, description des phénomènes de la vie du globe*, 1883) pois Reclus defendia a unicidade da geografia. Para ele, os geógrafos não devem fazer um pouco de tudo (portanto, nada), mas, ao contrário, ser capaz de analisar fenômenos que colocam em jogo fatores tanto físicos (o relevo, por exemplo) e naturais (o mundo vegetal e animal), quanto humanos e sociais. O que caracteriza em primeiro lugar o pensamento reclusiano é o lugar dado à análise dos fenômenos combinando numerosíssimos fatores. É sua vontade de

apreender o mundo em sua complexidade. Reclus assume, assim, claramente posição contra os determinismos simplistas que crêem poder explicar uma dada situação privilegiando apenas um único fator (natural ou social) entre outros. Ora, como o mostra Reclus, "é por um esforço de pura abstração que se busca apresentar [um] traço particular do meio como se ele existisse distintamente, e que se procura isolá-lo de todos os outros para estudar sua influência essencial [...] O meio é sempre infinitamente complexo"[13]. Reclus refuta, portanto, o darwinismo social que ele analisa com razão como uma construção ideológica produzida pelos dominantes para justificar sua opressão e sua exploração da humanidade. Ele também se diferencia do determinismo histórico marxista[14] para quem a História teria um sentido única e inevitavelmente determinado pelas contradições econômicas; as contradições internas no capitalismo conduziriam-no inelutavelmente à sua perda, e o sentido da História conduzir-nos-ia inelutavelmente ao comunismo. Para Reclus, ao contrário, as contradições (e não apenas econômicas) provocam decerto evoluções históricas, mas esse movimento não é

[13] Élisée Reclus, *L'Homme et la Terre*, p. 108, tomo 1.
[14] Ver Élisée Reclus, *L'Évolution, la Révolution et l'Ideal Anarchique*, 1897.

absolutamente unívoco e imperativo. Muito pelo contrário, para ele, toda evolução é em si mesma contraditória: "o fato geral é que toda modificação, por mais importante que seja, realiza-se por adjunção ao progresso de retrocesso correspondente[15]". Essa sutil abordagem da dialética permite-lhe pôr em relevo os efeitos induzidos por todos os movimentos e notadamente ressaltar as contradições produzidas pelo progresso econômico que significava, então, (como hoje, por sinal) simultaneamente um aumento das potencialidades e uma agravação das condições de vida. Assim, ele ressalta, concernindo ao desenvolvimento da indústria moderna que, "como em qualquer outro fenômeno histórico, as conseqüências da evolução fazem-se sentir em progresso e em retrocesso"[16].

Antideterminista, Reclus funda uma geografia tendo por função analisar o mundo como ele é, isto é, um sistema complexo formado de elementos interdependentes, que convém apreender, nessa perspectiva como meio. Esse conceito reclusiano de meio é de fato um conceito integracionista permitindo compreender o mundo não como uma justaposição de elementos mais ou menos indepen-

---

[15] Élisée Reclus, *L'Homme et la Terre*, p. 531, tomo 6.
[16] Élisée Reclus, *L'Homme et la Terre*, p. 324, tomo 6.

dentes uns dos outros, mas como um todo sustentado por interações constantes. Mais precisamente, ele dá a seu conceito de meio uma dupla dimensão: "ao meio-espaço, caracterizado pelos mil fenômenos exteriores, deve-se acrescentar o meio-tempo com suas transformações incessantes, suas repercussões sem fim[17]. Em outros termos, deve-se apreender o mundo tanto no plano sincrônico (o meio-espaço) considerando-o como um sistema de interações complexas, quanto no plano diacrônico (o meio-tempo), apreendendo-o em sua evolução. É essa visão integracionista e dinâmica do mundo que funda, propriamente dito, a grade de análise reclusiana.

Os princípios gerais de seu pensamento tendo sido apresentados, convém agora precisar um pouco mais o que entende Reclus por meio-espaço e por meio-tempo. Sua abordagem das relações entre o Homem e a Natureza é, quanto a isso, particularmente esclarecedora. Contrariamente à abordagem ecologista atual, os humanos, para Reclus, são um componente integral da Natureza, formada, de fato, de elementos físicos (o relevo, o clima etc.), ecológicos (os vegetais e os animais) e humanos, elementos que mantêm laços de interdependência.

[17] Élisée Reclus, *L'Homme et la Terre*, p. 112, tomo 1.

De fato, a questão da preservação do equilíbrio natural não se coloca para ele em termos de respeito de uma ordem exterior imutável. Como ele o mostra, a natureza é intrinsecamente dinâmica. Ela evolui e transforma-se incessantemente, e isso com ou sem o gênero humano. O verdadeiro problema para o Homem é evitar atentar contra certos laços de interdependência que o liga a seu meio, o que, por efeito de retorno, poderia ser-lhe fatal. Nessa perspectiva, o fato de tentar preservar o equilíbrio natural não deve absolutamente impedir o Homem de ordenar a utilização da natureza. Ele deve desenvolver, em contrapartida, seu conhecimento do funcionamento do mundo para levar em conta os possíveis fenômenos de retroações, e assim prevenir-se de certos perigos. Por meio deste primeiro exemplo, podemos circunscrever o sentido integrador que Reclus dá a seu conceito de meio-espaço. Colocando, agora, em perspectiva, suas análises relativas a esse mesmo tema com aquelas dos partidários do determinismo natural, poder-se-á igualmente apreender com um pouco mais de precisão o que ele entende por seu conceito de meio-tempo.

Enquanto os partidários do determinismo natural consideravam que o desenvolvimento humano era implacavelmente e para sempre determinado pelo meio ambiente natural, Reclus demons-

tra que as relações entre o Homem e a Natureza estão longe de ser também unívocas e imperativas. Para ele, se as condições naturais podem efetivamente ser determinantes (e ainda de um ponto de vista relativo), elas o são tanto mais quanto menos avançada é a organização social. Assim, escreve Élisée em relação à Bélgica, que "a geografia explica o destino natural desse país como grande caminho dos povos: foi ali que antes da abertura das estradas artificiais estendiam-se os primeiros campos de fáceis acessos [...]. Todas essas vantagens que outrora tinham uma importância relativa muito mais importante do que em nossos dias[18]". Mais globalmente, ele ressaltará que "todas essas forças [naturais] variam de lugar em lugar, e de época em época: foi, portanto, em vão que os geógrafos tentaram classificar, em uma ordem definitiva, a série dos elementos do meio que influem no desenvolvimento de um povo; os múltiplos fenômenos entrecruzados da vida não se deixam numerar em uma ordem definitiva [...]. Também se deve apreciar em que medida os próprios meios evoluíram pelo fato da transformação geral [da sociedade] e modificam sua ação em conseqüência [...] Há também aspectos da natureza que, sem ter em nada mudado, não

[18] Élisée Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle*, p. 51, tomo 4.

deixam de exercer uma ação completamente diferente pelo efeito da história geral que modifica o valor relativo de todas as coisas"[19]. Reclus demonstra que não existe determinismo natural, pois a influência de um mesmo fator natural na sociedade humana pode evoluir, e até mesmo mudar totalmente de sentido, pois a sociedade melhora incessantemente sua capacidade de controlar os elementos naturais. Para ilustrar essa idéia, podemos ler o que ele escreveu alhures: "no início, o grande rio separava os homens [...]. E, no entanto, esse obstáculo intransponível aos ribeirinhos primitivos tornou-se o grande veículo dos civilizados"[20]. Pode-se ver aqui mais claramente o sentido dado por Reclus ao seu segundo conceito de meio-tempo. Longe de ser estáticas, as interações entre os elementos de um determinado meio estão em constante evolução. Reviravoltas podem operar-se sem que, contudo, a coesão do conjunto (o equilíbrio do meio segundo seus termos) seja automaticamente ameaçada.

A partir de suas pesquisas, que foram, como já dissemos, mais do que conseqüentes, e de sua grade de análise que acabamos de expor, Reclus vai,

---

[19] Élisée Reclus, *L'Homme et la Terre*, pp. 112-114, tomo 1.
[20] Élisée Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle*, p. 98, tomo 1.

então, extrair três grandes leis (isto é, três grandes regularidades) na organização da sociedade. "A luta de classes, a busca do equilíbrio e da decisão soberana do indivíduo, tais são as três ordens de fatos que nos revela o estudo da geografia social e que, no caos das coisas, mostram-se bastante constantes para que se possa dar-lhes o nome de leis" (prefácio de *O Homem e a Terra*). Seguramente, encontramos aqui algumas temáticas já desenvolvidas por outros pesquisadores e outros teóricos do socialismo. A luta de classes já havia sido descrita pelos historiadores burgueses da Revolução francesa (Guizot, Mignet, Augustin Thierry) que mostraram o confronto nem tanto entre proletários e burgueses, mas entre burgueses e aristocratas durante esse período. Mais tarde, em 1831, Saint-Marc-de-Girardin escreverá, referindo-se à revolta dos *canuts* em Lyon, que a sedição de Lyon revelou um grande segredo: aquele da luta intestina que ocorre na sociedade entre a classe que possui e aquela que não possui. Não só a luta de classes já havia sido observada na época em que escreve Reclus, mas, bem mais, já havia sido analisada e teorizada muitos anos antes por Proudhon e Marx. Em relação a este ponto, Reclus não inovou. O mesmo no que concerne à questão da busca do equilíbrio. Ela já tinha sido demonstrada pelos trabalhos de Darwin em biologia e de Le Play

em sociologia. Além do mais, essa idéia já estava muito disseminada nos meios revolucionários, e encontramo-la tanto em Marx quanto em Bakunin ou ainda em Kropotkin. Ainda em relação a esse segundo ponto, também não se pode considerar que Reclus tenha inovado. É, de fato, no que concerne ao terceiro ponto (o papel fundamental dos indivíduos) que Reclus foi verdadeiramente inovador. Com efeito, o reconhecimento do peso dos atores individuais nos processos sociais só será posto em relevo bem mais tarde por pesquisas em sociologia sistêmica e em politologia (ver notadamente Lucien Sfez, *Critique de la décision*), que farão passar os indivíduos nas análises científicas, do papel de simples agentes àquele de atores em sua totalidade.

Todavia, a contribuição científica de Reclus não pode resumir-se a isso. De fato, ele inova antes de tudo e sobretudo ao religar essas três grandes leis e demonstrar que longe de excluírem-se mutuamente, elas coexistem e respondem uma à outra. Assim, em sua análise das classes, Reclus põe em relação essas três ordens de fato, "conseqüência necessária do desdobramento dos corpos sociais [...] o equilíbrio rompido de indivíduo a indivíduo, de classe a classe, balança-se constantemente em torno de seu eixo de repouso: a violação da justiça reclama sempre vingança [...]. Aqueles que co-

mandam procuram permanecer os senhores, enquanto os subjugados esforçam-se para reconquistar sua liberdade, em seguida, levados pela energia de seu ímpeto, tentam reconstituir o poder em seu proveito [...]. Ou os oprimidos submetem-se, tendo esgotado sua força de resistência: morrem lentamente e extinguem-se, não tendo mais a iniciativa que cria a vida; ou, então, é a reivindicação dos homens livres que se sobrepõe e, no caos dos acontecimentos, podemos discernir verdadeiras revoluções [...] produzidas pela compreensão mais clara das condições do meio e pela energia das iniciativas individuais"[21]. Sob certos aspectos, esse tipo de análise poderia aparentar-se à dialética serial de Proudhon. Este havia desenvolvido, com efeito, uma dialética tendo por eixo a busca de equilíbrio entre forças opostas que difere claramente daquela de Hegel para quem a confrontação dialética só pode resultar na supressão dos termos em oposição em proveito de uma nova situação. A concepção reclusiana difere, de fato, tanto de uma quanto da outra, e não apenas por causa de sua tomada em consideração dos atores individuais. Em primeiro lugar, para Reclus, a busca do equilíbrio é antes de tudo um processo e não um objetivo. Com efeito,

[21] Élisée Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle*, p. III, tomo 1.

o meio é dinâmico, portanto, em constante recomposição. Em conseqüência, o ponto de equilíbrio só pode mudar constantemente e não pode ser verdadeiramente alcançado. Em outros termos, para Reclus, a dialética é a energia, a dinâmica que permite a evolução. Sem ela, não haveria mais vida, pois a dinâmica é consubstancial à vida. Em segundo lugar, Reclus não pensa que uma situação dialética vá necessária e obrigatoriamente resultar em determinada situação (o equilíbrio proudhoniano ou a nova situação hegeliana). Ao contrário, ele ressalta que uma confrontação dialética pode resultar ora num equilíbrio relativo entre os termos em oposição (uma situação de compromisso), ora numa inversão dialética (os escravos tornam-se os senhores), ora numa nova situação (um mundo sem classes, nem Estado, por exemplo).

Eis apresentados rapidamente os principais aspectos do pensamento científico de Reclus. Como se pode ver, tem bem pouco a ver com a caricatura que os vidalianos ou os marxistas fizeram de seu pensamento. Como se pode constatar também, as duas grandes correntes da geografia que hoje reivindicam o pensamento de Reclus, de fato, só fazem retomar algumas de suas aplicações, mas em nada ou quase nada sua grade de análise. No momento em que inúmeros trabalhos científicos demonstram a validade da abordagem reclusiana,

a questão permanece posta quanto a saber se os geógrafos de hoje e de amanhã terão ou não a vontade de reapossar-se desse pensamento para refazer de sua disciplina um instrumento de conhecimento à altura da complexidade do mundo atual.

Paul Boino
Publicado primeiramente na revista
Itinéraire, nos 14-15, 1998.

DA AÇÃO HUMANA SOBRE A GEOGRAFIA FÍSICA

GEOGRAFIA COMPARADA NO ESPAÇO E NO TEMPO

Élisée Reclus



Vista de cima,
em suas relações com o Homem,
a Geografia nada mais é que
a História no espaço, assim como
a História é a Geografia no tempo.
Herder, falando da fisiologia,
já não nos disse que ela é
a anatomia agente?
Não podemos dizer igualmente
que o Homem é a Natureza
tomando consciência
de si mesma?

ÉLISÉE RECLUS
O Homem e a Terra,
tomo I, cap. I, Origens

PREFÁCIO DE *O HOMEM E A TERRA* Tomo I

Élisée Reclus

Há alguns anos, após ter escrito as últimas linhas de uma longa obra, *A Nova Geografia Universal*, eu exprimia o desejo de poder um dia estudar o Homem na sucessão das eras como eu o tinha observado nas diversas regiões do globo, e estabelecer as conclusões sociológicas às quais eu havia sido conduzido. Elaborei o plano de um novo livro no qual estariam expostas as condições do solo, do clima, de toda a ambiência nas quais os acontecimentos da história ocorreram, no qual se mostraria o acordo dos Homens e da Terra, no qual os modos de agir dos povos explicar-se-iam, de causa a efeito, por sua harmonia com a evolução do planeta. [...]

É verdade, eu sabia de antemão que nenhuma pesquisa far-me-ia descobrir essa lei de um progresso humano cuja miragem sedutora agita-se

incessantemente em nosso horizonte, e que foge de nós e dissipa-se para recriar-se uma vez mais. Surgidos como um ponto no infinito do espaço, sem nada conhecer de nossas origens nem de nossos destinos, ignorando inclusive se pertencemos a uma espécie animal única ou se várias humanidades nasceram sucessivamente para desaparecer e tornar a surgir, estaríamos mal situados para formular regras de evolução ao desconhecido, em atitudes inúteis na esperança de dar-lhe uma forma precisa e definitiva.

Não, mas podemos ao menos, nessa avenida dos séculos que os achados dos arqueólogos prolongam constantemente naquilo que foi a noite do passado, reconhecer a íntima ligação que une a sucessão dos fatos humanos à ação das forças telúricas: é-nos permitido perseguir no tempo cada período da vida dos povos correspondendo à mudança dos meios, observar a ação combinada da Natureza e do próprio Homem, reagindo sobre a Terra que o formou.

A emoção que sentimos quando contemplamos todas as paisagens do planeta em sua variedade sem fim e na harmonia que lhes dá a ação das forças étnicas sempre em movimento, essa mesma suavidade das coisas, sentimo-la ao ver a procissão dos homens sob suas vestes de fortuna ou de infortúnio, mas todos igualmente em estado de vibra-

ção harmônica com a Terra que os gera e nutre, o céu que os ilumina e os associa às energias do cosmos. E, assim como a superfície das regiões exibe-nos incessantemente paisagens de beleza que admiramos com toda a força do ser, do mesmo modo o curso da história mostra-nos na sucessão dos acontecimentos cenas extraordinárias de grandeza que nos enobrece quando as estudamos e conhecemos. A geografia histórica concentra em dramas incomparáveis, em esplêndidas realizações tudo o que a imaginação pode evocar. Em nossa época de crise aguda, em que a sociedade encontra-se tão profundamente abalada, em que a agitação de evolução torna-se tão rápida que o homem, tomado de vertigem, busca um novo ponto de apoio para a direção de sua vida, o estudo da história é de um interesse tanto mais precioso porque seu campo incessantemente aumentado oferece uma série de exemplos mais ricos e mais variados. A sucessão das eras torna-se para nós uma grande escola cujos ensinamentos ordenam-se ante nosso espírito e, inclusive, acabam por agrupar-se em leis fundamentais. A primeira categoria de acontecimentos que o historiador constata mostra-nos como, pelo efeito de um desenvolvimento desigual nos indivíduos e nas sociedades, todas as coletividades humanas, à exceção das tribos permanecidas no naturismo primitivo, desdobram-se, por assim dizer, em classes ou

castas, não apenas diferentes, mas opostas em interesses e tendências, inclusive francamente inimigas em todos os períodos de crise. Tal é, sob mil formas, o conjunto de fatos que observamos em todas as regiões do universo, com a infinita diversidade determinada pelas paisagens, pelos climas e pelo emaranhado cada vez mais complicado dos acontecimentos.

O segundo fato coletivo, conseqüência necessária do desdobramento dos corpos sociais, é que o equilíbrio rompido de indivíduo a indivíduo, de classe a classe, balanceia-se constantemente em torno de seu eixo de repouso: a violação da justiça reclama sempre vingança. Daí as incessantes oscilações. Aqueles que comandam buscam permanecer os senhores, enquanto os subjugados esforçam-se para reconquistar a liberdade, depois, levados pela energia de seu ímpeto, tentam reconstituir o poder em seu proveito. Assim, guerras civis, complicadas por guerras estrangeiras, esmagamentos e destruições, sucedem-se num encavalamento contínuo, chegando a resultados diversos, segundo a respectiva ofensiva dos elementos em luta. Ou, então, os oprimidos submetem-se, tendo esgotado sua força de resistência: morrem lentamente e apagam-se, já não tendo a iniciativa que faz a vida; ou, então, é a reivindicação dos homens livres que se impõe, e, no caos dos acontecimentos, pode-se

discernir autênticas revoluções, isto é, mudanças de regime político, econômico e social, devidos à compreensão mais clara das condições do meio e à energia das iniciativas individuais.

Um terceiro grupo de fatos, ligando-se ao estudo do homem em todas as épocas e em todos os países, atesta-nos que nenhuma evolução na existência dos povos pode ser criada senão pelo esforço individual. É na pessoa humana, elemento primário da sociedade, que se deve buscar o choque impulsivo do meio, destinado a traduzir-se em ações voluntárias para disseminar as idéias e participar das obras que modificarão o comportamento das nações. O equilíbrio das sociedades só é instável pela perturbação imposta aos indivíduos em sua franca expansão. A sociedade livre estabelece-se pela liberdade fornecida em seu completo desenvolvimento a cada pessoa humana, primeira célula fundamental, que, em seguida, agrega-se e associa-se como lhe apraz às outras células da mutável humanidade. É em proporção direta dessa liberdade e desse desenvolvimento inicial do indivíduo que as sociedades ganham em valor e em nobreza: é do homem que nasce a vontade criadora que constrói e reconstrói o mundo.

A "luta de classes", a busca do equilíbrio e a decisão soberana do indivíduo, tais são as três ordens de fatos que nos revela o estudo da *geografia*

social, e que, no caos das coisas, mostram-se bastante constantes para que se lhes possa dar o nome de "leis". Já é muito conhecê-las e poder dirigir, segundo elas, sua própria conduta e sua parte de ação na gestão comum da sociedade, em harmonia com as influências do meio, doravante conhecidas e escrutadas. É a observação da Terra que nos explica os acontecimentos da História, e esta reconduz-nos, por sua vez, a um estudo mais aprofundado do planeta, no sentido de uma solidariedade mais consciente de nosso indivíduo, simultaneamente tão pequeno e tão grande, com o imenso universo.

DA AÇÃO HUMANA SOBRE A GEOGRAFIA FÍSICA

O Homem e a Natureza[1]

Élisée Reclus

Assim como o velho Adão, modelado de argila, e como os primeiros egípcios nascidos do limo, somos os filhos da terra. É dela que extraímos nossa subsistência; ela sustenta-nos com seus sucos nutritivos e fornece o ar aos nossos pulmões; do ponto de vista material, ela nos dá "a vida, o movimento e o ser". Qualquer que seja a liberdade relativa conquistada por nossa inteligência e nossa vontade próprias, nós não deixamos de ser produtos do planeta: ligados à sua superfície como imperceptíveis animálculos, somos arrastados em todos os seus movimentos e dependemos de todas as suas leis. E não é absolutamente apenas na condição de

---

[1] *Man and Nature, or Physical geography as modified by human action*, by George P. Marsh. London, Sampson Low, 1864.

indivíduos isolados que pertencemos à terra; as sociedades, consideradas em seu conjunto, tiveram necessariamente de moldar-se em sua origem no solo que as sustentava; elas tiveram de refletir em sua organização íntima os inumeráveis fenômenos do relevo continental, das águas fluviais e marítimas, do meio ambiente. Todos os fatos da história explicam-se em grande parte pela disposição do teatro geográfico sobre o qual eles produziram-se: podemos inclusive dizer que o desenvolvimento da humanidade estava de antemão inscrito em caracteres grandiosos sobre os planaltos, os vales e as margens de nossos continentes. Essas verdades, por sinal, tornaram-se quase banais desde que os Humboldt, os Ritter, os Guyot estabeleceram por seus trabalhos a solidariedade entre a terra e o homem. A idéia-mãe que inspirava o ilustre autor de *Erdkunde*, quando ele redigia sozinho sua grande enciclopédia, o mais belo monumento geográfico dos séculos, é que a terra é o corpo da humanidade, e que o homem, por sua vez, é a alma da terra.

À medida que os povos desenvolveram-se em inteligência e em liberdade, eles aprenderam a reagir sobre essa natureza exterior da qual sofriam passivamente a influência; tornados, pela força da associação, autênticos agentes geológicos, eles transformaram de diversas maneiras a superfície dos continentes, mudaram a economia das águas

correntes, modificaram os próprios climas. Entre as obras que animais de uma ordem inferior realizaram na terra, as ilhotas de madréporas e corais podem, é verdade, comparar-se aos trabalhos do homem por sua extensão; mas essas construções gigantescas não acrescentam uma nova característica à fisionomia geral do globo e prosseguem de uma maneira uniforme, fatal, por assim dizer, como se elas fossem produzidas pelas forças inconscientes da natureza. A ação do homem dá, ao contrário, a maior diversidade de aspecto à superfície terrestre. De um lado, ela destrói, do outro, melhora; segundo o estado social e os progressos de cada povo, ela contribui ora a degradar a natureza, ora a embelezá-la. Acampado como um viajante de passagem, o bárbaro pilha a terra; ele a explora com violência sem lhe devolver em cultura e cuidados inteligentes as riquezas que lhe tomou; ele acaba, inclusive, por devastar a região que lhe serve de moradia e torná-la inabitável. O homem verdadeiramente civilizado, compreendendo que seu próprio interesse confunde-se com o interesse de todos e aquele da própria natureza, age completamente diferente. Ele repara os estragos cometidos por seus predecessores, ajuda a terra em vez de encarniçar-se brutalmente contra ela; trabalha pelo embelezamento tanto quanto pela melhoria de sua extensão. Não só ele sabe, na qualidade de agricultor e de indus-

trial, utilizar cada vez mais os produtos e as forças do globo; ele também aprende, como artista, a dar às paisagens que o cercam mais encanto, graça ou majestade. Tornado "a consciência da terra", o homem digno de sua missão assume por isso mesmo uma parte de responsabilidade na harmonia e na beleza da natureza circundante.

É nesse ponto de vista muito elevado que se situa G. P. Marsh em seu importante livro, consagrado ao estudo das diversas modificações que a ação humana impõe à terra. Preparado para sua obra por pacientes pesquisas científicas e por longas viagens pela América, pela Europa e pelas regiões clássicas do Oriente, o autor tem, além do mais, o mérito de proceder com a consciência a mais escrupulosa; ele nunca arrisca conclusões sem ter citado como apoio de sua afirmação um grande número de testemunhos autênticos e fatos incontestes. O livro de Marsh é uma espécie de investigação detalhada, mas demasiado desprovida de método, sobre o modo como o homem cumpriu seus deveres de conservação e melhoria em relação à terra que habita. Sobressai dessa investigação que, sobre um grande número de pontos, os trabalhos humanos ainda têm infelizmente por resultado fatal empobrecer o solo, enfear a natureza, estragar os climas. Considerada em seu conjunto, a humanidade não emergiu em absoluto, em relação à terra, de sua barbárie primitiva.

A superfície da terra oferece inúmeros exemplos de completas devastações. Em muitos lugares o homem transformou sua pátria em um deserto, e "a vegetação não cresce mais onde ele pisou". Uma grande parte da Pérsia, a Mesopotâmia, a Iduméia, diversas regiões da Ásia Menor e da Arábia, que "produziam leite e mel" e que outrora alimentavam uma população muito considerável, tornaram-se quase inteiramente estéreis, e são habitadas por miseráveis tribos vivendo de pilhagem e de uma agricultura rudimentar. Quando o poderio de Roma cedeu sob a pressão dos Bárbaros, a Itália e as províncias vizinhas, esgotadas pelo trabalho ininteligente dos escravos, estavam parcialmente mudadas em solicitudes, e, ainda hoje, após dois mil anos de alqueive, vastos espaços que os etruscos e os sículos haviam colocado em cultura são landas inúteis ou insalubres maremas. Por causas semelhantes àquelas que tiveram por resultado o empobrecimento e a ruína do império romano, o próprio Novo Mundo perdeu notáveis partes de seu território agrícola: tais plantações das Carolinas e do Alabama que foram conquistadas sobre a floresta virgem há menos de meio século cessaram totalmente de produzir e são hoje o domínio de animais selvagens.

Por maior que seja a crescente desolação dessas regiões da América e de tantas outras onde o homem, recém-chegado, abusa de seu poder para

esgotar a terra que o alimenta, não há provavelmente região no mundo onde a devastação ocorra de uma maneira mais rápida do que nos Alpes franceses. Ali, as águas da chuva e da neve retiram gradualmente a fina camada de terra vegetal que recobria as encostas e carregam-na ao mar sob forma de limos inúteis; as rochas desnudam-se; tálus, vastos campos de pedras substituem os prados e as culturas dos vales. Profundas ravinas são pouco a pouco escavadas nas escarpas e acabam por cortar a crista da montanha em cimos distintos que desmoronam e reduzem-se rapidamente. Em certos lugares, não se vê um único arbusto verdejante num espaço de várias léguas de extensão; apenas um pasto desolador mostra-se aqui e acolá nas encostas; casas em ruína confundem-se com os rochedos desmoronadiços que as cercam. Todo ano cresce a área da zona devastada e a população desaparece do solo empobrecido: atualmente, sobre uma área de 10.000 km^2 compreendida entre o maciço de Mont-Tabor e os Alpes de Nice, não se encontra um único grupo de habitantes ultrapassando o número de dois mil indivíduos. E esse deserto que separa os vales tributários do Rhône das planícies tão populosas do Piemonte, foram os próprios montanheses que o fizeram e que ainda buscam ampliá-lo. Proprietários demasiado ávidos derrubaram quase todas as florestas que recobriam os flancos das montanhas, e,

em conseqüência, a água, outrora retida pelas raízes e que lentamente penetrava na terra, cessou sua obra de fertilização para servir só para devastar. Se algum novo Átila, atravessando os Alpes, tivesse incumbido-se de devastar para sempre os vales, ele não teria deixado de encorajar os autóctones em sua obra insensata de destruição.

Tais são as mudanças que se operam na geografia física e no aspecto geral das regiões montanhosas em conseqüência do desmatamento das encostas. Quando as planícies são despojadas de seus bosques, as conseqüências são menos desastrosas e levam mais tempo para acontecer; mas elas não são menos inevitáveis. A superfície terrestre, desprovida das árvores que faziam sua beleza, é não só enfeada, ela também deve necessariamente empobrecer-se. Segundo o testemunho quase unânime dos geógrafos, parece muito provável que as chuvas anuais diminuem nos países devastados pelos madeireiros e aumentam, em contrapartida, nos territórios reflorestados; todavia, nossos registros meteorológicos não existem há muitos anos para que seja possível estabelecer esse fato de uma maneira indubitável. O certo é que os desmatamentos perturbam a harmonia da natureza tornando o escoamento das águas mais desigual. A chuva, que os galhos entrelaçados das árvores deixavam cair gota a gota, e que ressumava lenta-

mente por entre as folhas mortas e pelas radículas das raízes, escoa, doravante, com rapidez no solo para formar regatos temporários; em vez de descer subterraneamente para as profundezas e ressurgir como fontes fertilizantes, ela escorre de imediato pela superfície e vai-se perder nos riachos e nos rios. Enquanto a terra desseca-se em elevação, o volume das águas correntes aumenta em descida, as cheias transformam-se em inundações e devastam os campos ribeirinhos; ocorrem imensos desastres, semelhantes àqueles provocados pelo Loire e pelo Rhône em 1856. A responsabilidade direta do homem é grande nessas catástrofes, e podemos afirmar que elas seriam prevenidas ou ao menos atenuadas em grande parte pela manutenção das florestas existentes e pelo reflorestamento. Outras causas que são igualmente conseqüência dos trabalhos do homem contribuem para o incremento desmedido das cheias anuais. Assim, os diques laterais que os engenheiros constroem, a fim de proteger os campos ribeirinhos, são demasiado amiúde dispostos de maneira a contrariar o movimento das águas, e a maioria desses diques deixa à torrente da cheia um espaço insuficiente. Em certos lugares, o Loire, cujos transbordamentos são tão terríveis, não oferece, entre seus diques, mais do que um décimo de sua antiga largura. As operações de drenagem, excelentes para manter a fertilidade dos campos, têm

também o incômodo resultado de aumentar a altura anual das cheias. Empreendidos em larga escala, esses trabalhos produzem efeitos comparáveis àqueles do desmatamento, pois o solo é assim rapidamente evacuado em suas profundezas de toda água que recebe, e os riachos enchem-se alguns minutos após o início do temporal. Na Inglaterra e na Escócia um inúmeros cursos d'água, que outrora nunca transbordavam, tornaram-se temíveis por suas inundações desde que os campos das bacias tributárias foram sistematicamente drenadas.

O homem, que por seus trabalhos também pode perturbar a estrutura dos rios, perturba igualmente a harmonia dos climas. Sem mencionar a influência totalmente local que as cidades exercem ao elevar a temperatura e, infelizmente também, poluindo a atmosfera, é certo que a destruição das florestas e a cultura em vastas extensões têm por conseqüência modificações significativas nas diversas estações. O simples fato de o pioneiro desmatar um solo virgem faz com que altere a rede das linhas de temperatura, isótera, isoquímena, isoterma, que passam pela região. Em vários distritos da Suécia onde as florestas foram recentemente cortadas, as primaveras do período atual começariam, segundo Absjörnsen, aproximadamente quinze dias depois em relação àquelas do século passado. Nos Estados Unidos, os desmatamentos consideráveis das en-

costas alleghanianas parecem ter tido por resultado a inconstância da temperatura e o avanço do outono sobre o inverno, e esta última estação sobre a primavera. Podemos dizer de uma maneira geral que as florestas, comparáveis ao mar sob esse aspecto, atenuam as diferenças naturais de temperatura entre as diversas estações, enquanto o desmatamento afasta os extremos de frio e calor, e dá uma maior violência às correntes atmosféricas. Se dermos crédito a alguns autores, o próprio *mistral*, esse vento terrível que desce das Cevenas para afligir a Provença, seria um flagelo de criação humana, e sopraria só depois que as florestas das montanhas vizinhas desapareceram. Do mesmo modo, as febres paludianas e outras enfermidades endêmicas sempre irromperam em um distrito quando bosques ou simples cortinas de árvores protetoras caíram sob o machado. Esses são fatos que Marsh discute longamente e com grande erudição.

É ainda por uma ruptura da harmonia primeva que a ação do homem fez-se sentir na flora de nosso planeta. Os colossos de nossas florestas tornam-se cada vez mais raros, e quando eles caem, não são absolutamente substituídos. Nos Estados Unidos e no Canadá as grandes árvores que estupeficaram os primeiros colonos foram em sua maioria abatidas, e ainda recentemente os pioneiros californianos derrubaram, para transformá-las em tábuas, essas gigan-

tescas sequóias que se elevavam a 120, 130 e 140 metros de altura. Essa é uma perda irreparável, talvez, pois a natureza necessita de centenas e milhares de anos para fornecer a seiva necessária a essas plantas enormes, e a humanidade, demasiado impaciente para desfrutar, demasiado indiferente ao destino das gerações futuras, ainda não tem suficientemente o sentimento de sua duração para pensar em conservar preciosamente a beleza da terra. A extensão do domínio agrícola, as necessidades da navegação e da indústria, também têm por conseqüência a redução do número de árvores de média altura. Atualmente, é aos milhões que elas diminuem a cada ano[2]. Em contrapartida, as plantas herbáceas multiplicam-se e cobrem espaços cada vez mais vastos em todos os países do mundo. Dir-se-ia que o homem, invejando a natureza, busca diminuir os produtos do solo e não lhes permite ultrapassar seu nível.

---

[2] Sem falar aqui do enorme consumo de madeira que fazem uso os carpinteiros para construção de casas, os construtores de navios e os engenheiros das ferrovias; basta citar as pequenas indústrias. Florestas inteiras, estendendo-se por várias centenas de hectares, foram abatidas para ser transformadas em palitos de fósforo. Segundo Rentzsch, a pequena cidade de Sonneberg exporta todos os anos 3.000 toneladas de brinquedos em abeto. Enfim, durante os dois primeiros anos da guerra da América, uma única manufatura européia cortou 28.000 nogueiras para a fabricação das varinhas para carregar fuzil.

A história da humanidade em suas relações com a fauna oferece uma série de fatos análogos. É provável que o desaparecimento do mamute da Sibéria, do schelk da Alemanha, do grande cervo da Irlanda, e de vários outros grandes animais, deve-se à fúria dos caçadores. Em nossos dias, o búfalo, o leão, o rinoceronte, o elefante, recuam incessantemente ante o homem e, cedo ou tarde, eles, por sua vez, desaparecerão. As enormes vacas marinhas de Steller, que eram encontradas há um século em abundância na costa do estreito de Behring, foram exterminadas até a última; as baleias francas, que desfrutam atualmente de uma débil trégua, graças à guerra da América e à exploração das fontes de petróleo, serão em algum tempo novamente perseguidas com furor, e não encontrarão mais um mar onde se refugiar; as focas são a cada ano massacradas aos milhares; os próprios tubarões diminuem em número com os peixes dos quais se alimentavam, e tornam-se a presa dos pescadores. Entre as espécies de pássaros que o homem também deve lamentar a extinção, devemos citar o *alca impennis* das ilhas Feroe, o dodó das ilhas Maurício, o solitário de Reunião, o *aepyornis* de Madagascar, os dinornis da Nova Zelândia. Além disso, conhecemos os deploráveis resultados que a matança anual dos pássaros produziu em todas as regiões de caça. Libertas, graças à intervenção insensata do ho-

mem, dos pássaros que lhes faziam guerra, as tribos dos insetos, formigas, cupins, gafanhotos crescem em número de maneira a tornar-se, eles também, verdadeiros agentes geográficos. Igualmente os cetáceos e os peixes que desapareceram foram substituídos por miríades de medusas e infusórios.

Em relação a isso, Marsh emite uma opinião que não pode deixar de surpreender no primeiro momento, mas que deve, na minha opinião, ser levada em muito séria consideração. Segundo ele, esse fenômeno tão extraordinário da fosforescência das águas marinhas seria em nossa época mais freqüente e mais bonito do que na época grega e romana. De outro modo, seria incompreensível, com efeito, que os antigos não tivessem considerado dignas de uma menção essas lâminas de luz amarela ou esverdeada que, durante as noites, fremem sobre o mar, esses foguetes de luz que surgem da crista das ondas, esses turbilhões de faíscas que o talha-mar dos navios levanta ao mergulhar, essas ondas cintilantes que deslizam dos dois lados do navio para unir-se em longos turbilhões por trás do leme e transformar a esteira em um rio de fogo? Este é, decerto, um dos mais belos espetáculos do alto-mar, e, no entanto, os gregos não comentam absolutamente ter contemplado sobre as ondas de seu magnífico arquipélago. Homero, que amiúde fala das "mil vozes" do mar Egeu, nada fala das mil luzes. Igualmente os

poetas que fizeram nascer Vênus da espuma das ondas, e povoaram "as moradas úmidas" de tantas ninfas e divindades, nada descreveram das lâminas de ouro fluido sobre as quais deixam-se acalentar durante as noites as deusas resplandecentes. O amor dos poetas gregos pela claridade, pela luz do sol poderia explicar em parte esse surpreendente silêncio; mas por que os próprios homens de ciência não descreveram o fenômeno, de aparência tão extraordinária, do brilho fosforescente das águas? No conjunto das obras legadas ao mundo moderno pela antiguidade só encontramos duas frases reportando-se de maneira indireta a essa ordem de fatos maravilhosos. Eliano, o compilador, fala da claridade emitida por algas das praias; Plínio, o enciclopedista, ensina-nos que o corpo de uma espécie de medusa lança um certo brilho quando é esfregada contra um pedaço de madeira. Era esse o conhecimento que se tinha antes das observações de Américo Vespúcio sobre a fosforescência dos mares tropicais. Desde essa época, não há provavelmente um único viajante que não tenha observado os feixes de luz surgindo à noite em torno de seu navio, não só no mar das Antilhas, mas igualmente no Mediterrâneo, nos litorais atlânticos da Europa e próximo às banquisas do oceano polar. Assim como estabeleceram as pesquisas de Boyle, Forster, Tilesius, Ehrenberg, essa luz provém de inumeráveis animálculos,

uns vivos, outros em decomposição. Ora, a destruição dos cetáceos, dos grandes peixes e dos outros monstros do mar, tendo por resultado necessário o aumento em proporção da pululação dos organismos microscópicos, faria com que a fosforescência das águas marinhas crescesse ao mesmo tempo que o número dos infusórios. Se a hipótese engenhosa de Marsh estiver correta, aqueles dentre nós que passeiam pelas praias ou que vogam pelos mares durante certas noites em que a onda está em fogo, desfrutam de um espetáculo nunca dado aos nossos pais contemplar. Esta seria uma fraca compensação às devastações realizadas pelos pescadores.

O que quer que seja esse crescimento presumido no esplendor dos mares, o homem não tem absolutamente o direito de gabar-se disso, pois se ele é, graças à pesca, a causa indireta desse fenômeno, isso se deu sem que ele tivesse tido a mínima consciência. Na superfície das águas bem como nos continentes, ele só agia outrora com vistas a seus interesses imediatos e entregava-se ao acaso para todos os resultados longínquos. Entre suas empresas, umas tinham conseqüências felizes e contribuíam ao bem-estar geral; outras, ao contrário, tais como o desmatamento das montanhas, acarretariam conseqüências fatais; mas sem se preocupar com o futuro, ele continuava a trabalhar cotidianamente. Hoje a humanidade, representada por

seus iniciadores científicos, começa a perceber suas obras. Instruída pela experiência do passado, ela empreende a luta contra as forças da natureza que ela própria desencadeou, e, em muitos pontos, os desastres advindos por culpa de nossos ancestrais já foram reparados. Além dos grupos de indivíduos e, inclusive, de povos inteiros, não contentes de restabelecer o antigo equilíbrio na superfície terrestre, trabalham também com sucesso para a útil transformação e o embelezamento de vastas extensões que pareciam outrora sem valor.

Durante os últimos séculos, felizes mudanças trazidas à geografia física de várias regiões testemunharam em relação ao que pode fazer a vontade perseverante do homem. Em primeiro plano, devemos citar os imensos trabalhos que os holandeses realizaram para assegurar seu território contra as irrupções do mar e dos rios. Na Idade Média, os habitantes do litoral recuavam a cada ano ante as ondas do Mar do Norte e a cadeia de dunas; como se tivessem desejado apressar sua ruína, cortavam as florestas que lhes serviam de muralha contra a areia, e por uma imprudente exploração, transformavam as turfeiras em charcos e lagoas. Assim, durante as grandes tempestades, campos de alguns milhares de hectares desapareciam num único dia sob as águas com seus vilarejos e suas culturas. Enfim, os holandeses, sentindo o solo afundar gra-

dualmente sob seus passos, tremendo ao ver as ondas caírem sobre eles como dilúvio, adotaram medidas de defesa para resistir às invasões do mar. Durante os últimos séculos, a história agrícola dos Países Baixos é o relato de um combate sem trégua entre o homem e o oceano, e nesse combate foi o homem quem conquistou a vitória. Exercendo sobre a pressão das ondas uma vigilância permanente, ele consolidou o litoral por meio de diques, muralhas e plantações; em seguida, apoderou-se das terras deixadas pelo recuo do mar por uma série de quebra-mares e diques, e, de progresso em progresso, acabou por reconquistar uma parte considerável do solo outrora retirado de seus ancestrais. Sua última grande conquista foi bombear para o mar todo o lago de Harlem, que não continha nada menos que 724 milhões de metros cúbicos de água, e agora sonha em secar o Zuyderzee, um golfo de 500.000 hectares, que as tempestades do Mar do Norte levaram dez séculos para escavar.

Em todos os países do mundo civilizado já existem, como na Holanda, magníficos trabalhos pelos quais o homem soube modificar em seu benefício alguns dos aspectos geográficos da terra. Na França, os *wateringues*[3] de Flandres, as baías de Mar-

[3] Conjunto dos trabalhos de drenagem das terras situadas abaixo do nível do mar. (N.T.)

quenterre foram conquistadas sobre o oceano, e souberam fixar por plantações a cadeia de dunas móveis que, numa extensão de mais de 200 quilômetros, marchava ao assalto das landas da Gasconha[4]. Na Inglaterra, transformaram em culturas uma grande parte do golfo de Wash, e a baía de Portland inteira tornou-se um porto de águas tranqüilas. Até na superfície do deserto o homem recentemente tentou com sucesso compensar pela escavação de poços artesianos e pela criação de novos oásis, as inumeráveis devastações pelas quais ele foi responsável em tantos outros pontos do globo. Essas obras úteis, que constituem autênticas revoluções geográficas e que mudam o aspecto da terra sobre espaços de grande extensão, têm, além do mais, em sua maioria, a vantagem considerável

---

[4] Em seu livro, George Marsh estabeleceu uma distinção que não me parece absolutamente fundada entre as dunas do interior e aquelas do litoral. Segundo ele, estas últimas teriam em geral uma forma cônica, bem diferente da disposição em forma de *croissant*, modelada pelos montículos móveis distantes do mar. Trata-se de um erro, ao menos no que se refere às dunas da Gasconha. As colinas de areia que não foram reunidas pelo vento numa longa muralha recurvam suas extremidades livres para o interior das terras, e sua crista descreve sempre uma semicircunferência semelhante àquela de uma cratera derrocada. Alguns dos anfiteatros de erosão compreendidos entre as extremidades do *croissant* não têm menos de um quilômetro de largura.

de modificar felizmente os climas locais. Mas o homem não se contenta hoje em exercer uma influência indireta sobre a salubridade de seu domínio, e num grande número de regiões, propõe-se como objetivo imediato de seu trabalho o saneamento do território. Na Toscana, o vale outrora quase inabitável de Chiana, onde nem mesmo a andorinha ousava aventurar-se, foi completamente saneado dos miasmas palúdicos pela retificação de uma declividade incerta, coberta de charcos e lagoas. Do mesmo modo, as maremas da antiga Etrúria tornaram-se muito menos perigosas à saúde dos habitantes depois que os engenheiros toscanos aterraram os pântanos do litoral e trataram de impedir que se misturassem a água doce e a água salgada que se operava na embocadura dos rios. Mestre para melhorar por meios desse gênero a qualidade do ar que respira, o homem talvez tenha a força para aumentar com o tempo a umidade da atmosfera e a abundância das chuvas. Durante o século que transcorreu entre 1764 e 1863, a precipitação anual da chuva elevou-se no observatório de Milão de 90 para 106 milímetros. É provável que esse crescimento gradual das chuvas deva-se às irrigações praticadas em tão grande escala na Lombardia e à evaporação muito ativa que é sua conseqüência.

A todos esses grandes trabalhos, tendo por objetivo modificar em benefício do homem a su-

perfície de nossa terra, liga-se intimamente uma obra que pode parecer quimérica a alguns, mas que não é menos da maior importância. Trata-se de conservar, aumentar, inclusive, a beleza exterior da natureza, devolver-lha quando uma exploração brutal já a fez desaparecer. Em diversas partes da Europa e notadamente na França, poder-se-ia percorrer durante horas certos planaltos sem encontrar um local no qual o olhar do artista repouse com satisfação. Populações inteiras parecem dedicar-se à tarefa de enfear o território que ocupam; elas mutilam ou torturam as árvores isoladas que ainda restam, transformam o campo num labirinto de ruelas bordejadas de muralhas, erguem ao acaso construções sem gosto. Contudo, é tão fácil colocar o solo em cultura deixando simultaneamente à paisagem sua beleza natural! Na Inglaterra, esse país onde os agricultores sabem fazer seus campos produzirem colheitas tão abundantes, mas onde o povo sempre teve pelas árvores mais respeito do que as nações latinas, há poucos lugares que não tenham uma certa graça, ou, inclusive, uma verdadeira beleza, seja por causa dos grandes carvalhos isolados exibindo seus galhos acima dos prados, seja por causa dos bosques de espécies diferentes espalhadas com arte em torno das vilas e dos castelos. Na Irlanda e na Escócia, foi por centenas de milhões de árvores que se operou o reflorestamento dos morros, e

essas regiões, já muito pitorescas, foram singularmente embelezadas pelo verdor que hoje as cobre. Um distrito do condado de Mayo, no qual, segundo a tradição, as guerras intestinas e a invasão dos conquistadores ingleses não deixaram uma única árvore de pé, oferece atualmente, graças às suas plantações variadas, locais muito mais belos do que o foram, sem dúvida, antes do desmatamento. É que a arte do homem, o que quer que possam pensar certos espíritos pessimistas, tem o poder de embelezar até a natureza livre, dando-lhe o encanto da perspectiva e da variedade, e sobretudo a colocando em harmonia com os sentimentos íntimos daqueles que a habitam. Na Suíça, nas margens dos grandes lagos, diante das montanhas azuis e dos glaciares resplandecentes, quantos chalés e vilas, por seus gramados, suas corbelhas de flores, suas aléias sombreadas, tornam a natureza ainda mais bela e encantam como um doce sonho de felicidade o viajante!

Todavia, é preciso dizê-lo, os povos que hoje estão na vanguarda da humanidade preocupam-se em geral muito pouco com o embelezamento da natureza. Muito mais industriais do que artistas, eles preferem a força à beleza. O que o homem quer hoje é adaptar a terra às suas necessidades e dela tomar posse completa para explorar suas imensas riquezas. Ele a recobre de uma rede de estradas, fer-

rovias e fios telegráficos; tenta fertilizar os desertos e prevenir as inundações dos rios; propõe triturar as colinas para transformá-las em aluviões sobre as planícies, perfura os Alpes e os Andes, une o Mar Vermelho ao Mediterrâneo, prepara-se para misturar as águas do Pacífico com aquelas do Mar das Antilhas. Compreende-se que os povos, atores e testemunhas de todas essas grandes empresas, deixem-se levar pela embriaguez do trabalho e que só pensem em moldar a terra à sua imagem. E se a indústria já realiza tais maravilhas, o que ela não poderá fazer quando a ciência fornecer-lhe outros meios de ação sobre a natureza! É isso que observa Marsh em algumas palavras eloqüentes. "Vários físicos", diz, "sugeriram a idéia de que seria possível coletar e armazenar para o uso do homem algumas dessas grandes forças naturais que os elementos exibem com espantosa energia. Se pudéssemos apreender e conservar, para fazê-la trabalhar para nós, a força que o sopro contínuo de um furacão das Antilhas exerce num espaço restrito; se pudéssemos apoderar-nos da força de impulsão desenvolvida pelas ondas que se quebram durante um inverno tempestuoso sobre o dique de Cherburgo, ou ainda pelas ondas que arrebentam continuamente nas praias da baía de Fundy; se soubéssemos utilizar a pressão de uma milha quadrada de água de mar na profundidade de cinco mil braças, os

tremores dos terremotos e os movimentos vulcânicos, que obras colossais não tentaria nosso século de trabalho e audácia, ao qual a única virtude da fé já não basta para transportar as montanhas e lançá-las no mar?"

GEOGRAFIA COMPARADA NO ESPAÇO E NO TEMPO

Élisée Reclus

Chamado por um concurso de circunstâncias imprevistas a começar uma série de leituras relativas à geografia comparada, eu gostaria, de início, de agradecer-vos por vossa acolhida, a todos vós, estudantes livres, que me convidastes a falar diante de vós sobre a ciência que eu amo e na plenitude de minha independência. Eu não terei senão um único meio para testemunhar-vos meus sentimentos, consagrar-me convosco, numa paixão comum, à busca desinteressada da verdade. Por essa paixão, somos irmãos, pois todos nós cremos firmemente na palavra que ecoa há dois mil anos: "É a verdade que nos tornará livres!"

Se vós mantiverdes meu mandato hoje conferido, não esquecerei em absoluto que estamos ligados pelo mais estreito laço, e farei todos os meus esforços para que nós possamos estudar juntos. Sem

dúvida, seria difícil atualmente dirigir essas conferências como conviria, fazer delas entrevistas, conversações entre iguais, mas se eu sou o único a falar, sentirei decerto fremir em vós as dúvidas ou as objeções. Vivendo de vosso pensamento, aproveitar-me-ei dele seja para retificar o meu, seja para insistir junto ao vosso. Não é absolutamente entre nós que se poderá falar de relações de mestre a discípulos. Dirijo-me a homens, e estes, espero, abster-se-ão de crer em minha palavra. Exporei fatos, mas vos rogando para verificar minhas palavras. Formularei conclusões, mas discutireis meus raciocínios e controlareis minhas provas. Golpeareis o metal para saber se ele o é de uma ressonância pura e, sobretudo, de boa qualidade. Graças a vós, poderei, talvez, em muitas circunstâncias, modificar minhas idéias preconcebidas e dar à minha compreensão das coisas uma forma mais precisa. Agradeço, desde já, pela cooperação que vós me fornecereis.

E, agora, mãos à obra!

Talvez o que eu tenho a dizer-vos parecerá um pouco especial a alguns de vós. De antemão, rogo-vos para me perdoarem. Terei ao menos um mérito, serei breve.

A geografia, considerada em seu sentido estrito e buscada de uma maneira exclusiva, é um dos estudos mais perigosos. Por sinal, qual é a ciência

que não se possa endurecer, dessecar, privar de toda seiva, reduzir a nada quando se a estuda isoladamente, sem amplitude de espírito, sem largueza de concepções? Todo saber humano deve ter sua parcela de humanidade. Seria melhor não ter aprendido nada e conservar sua inteligência livre, pronta a receber impressões completamente novas, do que encher a cabeça de um imenso cafarnaum sem responder a qualquer idéia. O que nos importam os nomes e mais ainda os nomes de cidades, vilas, aldeias, povos e tribos? O que nos proporcionam os graus de longitude e latidude, as coordenadas astronômicas enumeradas às centenas e aos milhares, o entrecruzamento infinito das linhas oblíquas, paralelas ou normais ao meridiano? E com que desprezo deve-se ver essa caricatura da geografia que consiste em traçar barras diversamente coloridas pelos continentes ou, inclusive, pelas marés?

A ciência, ao estudo da qual vos convido, é bem diferente. Certamente alojareis em vossa memória milhares e talvez milhões de fatos, mas vós os classificareis, vós os unireis em um corpo de conhecimentos refletido e justificado por uma preocupação mais elevada do que aquela dos nomes e dos números. A geografia, que não é absolutamente uma ciência em si mesma, liga-se a todas as ciências e serve-lhes de sólido ponto de apoio, de reservatório infinito para a produção dos fatos.

A astronomia, abarcando a imensidão em seus cálculos, vivendo, por assim dizer, em pleno céu e contemplando de cima as evoluções rítmicas de nosso planeta através do espaço sem fim, deve ao estudo desse corpo infinitesimal, à medida precisa de seus dias e das estações, à gradação de seus climas locais, a compreensão de todo o sistema sideral. O geólogo estuda as camadas terrestres, suas superposições e inversões, seu modo de formação e transformação, os seres que as habitaram ou que, inclusive, deram-lhes origem. O físico, o químico buscam as propriedades das substâncias terrestres, as leis das esferas, líquida e aérea, que envolvem o globo, os frissons do magnetismo que o agita, os inumeráveis fenômenos da vida planetária dita inorgânica; o naturalista ocupa-se da distribuição das plantas e dos animais, da influência dos meios em seu desenvolvimento, suas lutas, suas alianças e o conjunto de sua história.

E nós, tentando tratar a "geografia comparada", a que ligaríamos o estudo da Terra senão ao Homem? No estudo das características diversas do planeta, em suas relações mútuas de justaposição e influência, nas mudanças provocadas pela série das eras, o elemento de comparação que sempre teremos diante dos olhos será a sociedade humana. A história da Terra e aquela da humanidade em suas ações e reações contínuas, desde as origens conhe-

cidas até os tempos que se preparam, serão o objeto de nosso estudo. Para resumir nosso pensamento, buscaremos seguir a evolução da humanidade em relação às formas terrestres e a evolução das formas terrestres em relação à humanidade.

* * *

Tal como a compreendemos, a geografia comparada não é em absoluto uma conquista do espírito moderno: ela nasceu ao mesmo tempo que as primeiras sociedades, muitos séculos antes da época da ciência precisa, e mescla-se aos nossos mitos mais antigos. Nossos ancestrais mais recuados tinham perfeitamente apreciado os contrastes que apresentam como locais de habitação as diversas partes da Terra, e no-lo dizem em seus cantos, em suas lendas, sobretudo nos nomes dos locais com os quais recobriram o mundo. Eles observavam todas as diferenças do solo, do relevo, da orientação, da flora e do aspecto, e denominavam as regiões segundo essas características opostas. Em certas regiões, na Bélgica, por exemplo, passagens bruscas fazem-se da duna ao pântano, das terras salinas aos aluviões fluviais, dos lodaçais às areias e da planície à colina. Lá se impunham as denominações implicando o contraste geográfico; mas nos próprios lugares onde as transições fazem-se por nuances

quase imperceptíveis, objetos extraordinários, tais como rochedos, fontes ou árvores, permitiram assinalar o distrito por um nome próprio característico. Assim, as quatro mil línguas faladas na superfície da Terra serviram para designar os diversos locais por milhões de termos distintos. Esses termos, constituindo a geografia comparada pré-histórica, sobrepujam singularmente em propriedade, em pitoresco e em poesia os nomes com que os colonos europeus disseminam no Novo Mundo. O despojamento dessa nomenclatura primitiva, começada sobretudo por Egli em *Nomina Geographica*, poderá talvez um dia tentar um de vós.

Além da observação da natureza e de seus fenômenos, os povos tiveram um motivo particular para comparar e nomear as diversas regiões. Naturalmente, cada grupo humano crendo-se sozinho no mundo, ou pelo menos sozinho para merecer a felicidade, dava um valor excepcional ao canto da terra habitado por ele; as outras regiões pareciam-lhe inferiores porque não lhe pertenciam. Por sinal, tal região é realmente tão bela que seus habitantes compreendiam espontaneamente todas as suas vantagens; a vaidade natural a toda raça permitia-lhes sem demasiado erro imaginar que possuíam uma propriedade feita de um solo mais nobre do que aqueles das outras regiões do mundo. Compreendemos esse orgulho coletivo de todo um povo e

sua alegria de viver numa terra de eleição quando um território tem a beleza das planícies gangéticas, das praias de Konkan e de Malabar! Há mais de vinte séculos, e provavelmente desde há um período muito mais antigo, os geógrafos hindus, elevando-se a uma generalização intrépida, haviam sabido reconhecer a unidade maravilhosa de sua península cercada pelo mar e pelos montes, e em sua febre de poesia grandiosa, completamente penetrada pela idéia de uma incessante evolução na natureza, eles haviam comparado esse grande corpo peninsular a uma imensa flor da qual cada província era pétala ou sépala, cada montanha estame ou pistilo. O sábio Sandjaya descreve-nos no *Mahabharata* sua terra natal como uma flor de lótus flutuando sobre as águas, e essa descrição reproduz-se na maioria das obras hindus; só o número das divisões florais varia segundo os aspectos étnicos ou políticos do território e a imaginação dos poetas. Ao menos para todos a grande flor hindu parece viva, e por pouco conformes que sejam suas comparações com a precisão dos contornos revelada pelas mensurações modernas, elas respondem, contudo, muito melhor ao verdadeiro delineamento da Índia do que o esboço grosseiro figurado por Ptolomeu na rede de seus meridianos e de seus paralelos.

A China, bem como a península gangética, diz-se poeticamente o Tchung-Hoa, isto é, a "Flor

do Meio". Seria este um nome trazido da Índia pelos missionários budistas ou, então, uma denominação nascida no próprio país, para designar a região fecunda entre todas onde se ramificam os canais dos dois grandes rios gêmeos? Talvez se deva vê-lo só como um termo de retórica como aquele de Hoa-Kuo ou "Terra das Flores", no sentido de "Terra da Polidez" por excelência; de qualquer maneira, ele implica bem, entre aqueles que o empregam, uma idéia da superioridade de seu país sobre todos os outros.[1] A "Flor do Meio", tão fértil, cultivada com tanto zelo, é realmente uma das regiões vitais do planeta e contrasta por sua extraordinária riqueza agrícola com os planaltos frios do norte, com as planícies estéreis do oeste.

E que país do mundo não tem sua "Região das Flores", seu "Jardim" como a Índia e a China? Onde quer que vamos, na redondez do globo terrestre, encontramos lugares cujos habitantes orgulham-se como se a beleza devesse a eles. Até mesmo além do círculo polar, nas regiões onde a longa noite sucede ao dia interminável cindido de tormentas e neves, os tchuktches, os esquimós, os groelandeses falam com complacência de algum pequeno vale gracioso inclinando-se ao sul, onde os raios do sol aquecem melhor o homem, onde as

[1] Ver Léon de Rosny, *passim*.

flores nascem mais cedo e são mais odoríferas do que alhures. Sem dúvida o sentido das proporções não é observado nessa geografia rudimentar, mas não deixa de ser um começo de análise entre as formas terrestres. Faz-se a comparação; um vago estudo dos elementos esboça-se nas inteligências humanas, a ciência da Terra começa a nascer. É verdade que o sentimento da propriedade, coletivo ou pessoal, e, melhor ainda, a comunhão de amor que um longo labor proporciona com a terra cultivada entram, em grande parte, na compreensão mais íntima da natureza. Ninguém, nem povo, nem indivíduo, quer que sua habitação não esteja entre as mais belas. Quem de vós não acompanhou um camponês em seu passeio emocionado pelos campos lavrados por ele? Em certos lugares, na curva de um bosquete, na encosta de uma colina, ele envolve com um longo olhar essa terra que ama, da qual reconhece cada pedaço, cada tufo de grama, e tomando-vos o braço para fazer-vos vibrar com ele, exclama: "Esta região é a mais bela do mundo!"

É por um sentimento análogo que tantas cidades, tantos locais reputados santos, foram considerados como o centro da Terra: Benares, Jerusalém, Delfos, Roma, Paris, "a cidade-mãe" como fala Hugo. Na realidade, conforme sabeis, o centro da figura para o conjunto das terras emersas, tomando o

estreito de Bering como linha divisória dos dois hemisférios, cai aproximadamente sobre Londres ou na vizinhança; mas o cálculo geométrico preciso ainda não foi feito, que eu saiba, e talvez um de vós poderá empreendê-lo? Um trabalho mais interessante seria buscar o ponto onde se encontra atualmente o centro de equilíbrio entre as populações do ponto de vista numérico; esse é outro mapa que um de vós talvez poderá estabelecer.

Com o amor pelo solo e o orgulho pela posse, todos os sentimentos e todas as paixões do homem tiveram sua parte nas origens da geografia comparada. O terror pelo desconhecido, o sentido do mistério deram uma importância capital a tal montanha, a tal lago, até mesmo a uma simples caverna, a um fio de água escoando na areia. Todas as grandes montanhas surgiram como deuses ou como sua residência: o Meru nevado, refletindo no alto do céu os raios que ainda não se vê ou aqueles que não se vê mais; o rude Sinai, de arestas avermelhadas, entre as quais escoam rios de poeira vibrante e musical; os Olímpios da Ásia Menor e da Grécia, que se elevam tão graciosamente de cume em cume acima das águas azuis. Cada fenômeno incompreendido tinha sua lenda. O lago Averne, cujos vapores mefíticos, agora esgotados, matavam os pássaros em seu vôo, tornara-se uma porta dos infernos. O Estige, o rio gélido sobre o qual os per-

juros estendiam a mão direita tremendo, desaparecia para entrar no mundo infernal, e os filetes aquosos de Lerna, brotando ao pé de um rochedo fazendo borbulhar a areia, era uma hidra de mil cabeças elevando-se das regiões misteriosas onde revivem os mortos. A Terra, de uma à outra extremidade, é assim semeada de formas precisas constituindo tantas individualidades distintas, protuberâncias e depressões do solo, águas dormentes e correntes, transformadas pela veneração ou pelo medo em verdadeiras pessoas, deuses, gênios ou monstros. Diz-se que em Olímpia mais de três mil estátuas erguiam-se ao redor dos templos, mas no grande templo da Terra, quantos monumentos mais que pareceram de origem religiosa e para os quais se dirigiram as homenagens dos povos! Um mapa-múndi enumerando todos os locais que foram sagrados, ou que ainda o são, seria coberto de nomes contando aos olhos as relações do Homem com a Terra, de início ingênuas e timoratas como aquelas de uma criança, depois tradicionais, costumeiras, sem ímpeto, gradualmente mudadas pelo conhecimento preciso em simples noções que acabamos por esquecer.

Entre todos os lugares para os quais se dirige a veneração dos homens, aqueles que viveram mais tempo como seres divinos são os que em nossa língua adquiriram o nome de "paraíso", provavel-

mente segundo uma palavra persa de origem relativamente recente — no máximo quatro mil anos — porquanto ela aplicava-se, segundo dizem, a um parque de caça reservado a algum grande soberano da Média. Bem antes desse personagem e suas proezas cinegéticas, existiram outros paraísos além daqueles de Elvend e Demavend, todas regiões reputadas maravilhosas pela pureza do ar, pelo frescor das águas correntes, pelo esplendor e pela variedade da vegetação, pela abundância da caça. E quase todos esses paraísos possuíam, além de sua própria beleza, um elemento que os embelezava infinitamente, aquele da nostalgia. Devia-se tê-los abandonado para escapar de alguma invasão de bandos inimigos, de um dilúvio, de tremores de terra. Viam-se neles paraísos sobretudo porque estavam perdidos. Mas em todos os tempos também houve paraísos do desejo, "terras de promissão", bem como paraísos da nostalgia. Lá em cima, sobre as montanhas brancas e vaporosas no céu azul, ou então, para além do horizonte, do outro lado de um rio, de um lago ou de um braço de mar, rumo a essas regiões misteriosas onde se via despontar o sol, rumo a essas outras regiões onde o astro deitava na púrpura das nuvens, e rumo a todos esses lugares desconhecidos buscados pelos pássaros, singrando em bandos triangulares, não é ali que a humanidade encontraria o país de seus sonhos, o

local sagrado onde não haveria mais nem fome, nem sede, nem fadiga, nem servidão, nem morte?

Cada raça, cada povo, cada tribo teve assim seus paraísos. A história geográfica permite-nos encontrar centenas deles, em protuberância como pregos de ouro sobre a superfície do planeta, desde as montanhas do Japão até o Eldorado do Novo Mundo. Mas os paraísos pertencentes ao nosso ramo de civilização, dito ariano, são os únicos dos quais os nomes são-nos familiares.

O vago da geografia chinesa e a monotonia das lendas relativas às regiões sagradas do Extremo Oriente dispensam-me de mencionar aqui os paraísos longínquos da Ásia, outros além do Fujiama dos japoneses, do "Não Semelhante" ou o "Sem-Fim", o vulcão que a lenda diz ter surgido de repente no período de uma noite para servir de trono aos deuses. Seus habitantes outrora possuíam um segredo para não morrer, e o imperador Tsun Shi Huang Ti, o Carlos Magno da China, enviou para lá uma delegação de mil adolescentes para retirar de suas fontes a bebida da imortalidade. Os japoneses atuais, tendo cessado de ser crentes, mas tendo permanecido artistas e admiradores da natureza, vêem sempre no monte extraordinário a glória e o protetor de seu país.

A Índia, onde se amontoam tantos povos de religiões tão diversas, é também coberta de lugares

místicos onde viveram, onde viverão os bem-aventurados, se crerem em tal ou qual lenda. Todos os elevados cumes que comandam isoladamente as planícies ou o mar — assim como o pico de Adão, na ilha de Ceilão, acima da praia dos Rubis, — e, no Himalaia, os montes de onde escapam as fontes dos grandes rios, foram tidos todos como paraísos. Mais de dois milhões de fiéis foram vistos amontoando-se na "porta do Ganges", próximo a Haridwar, cobrindo com suas tendas um espaço mais vasto que Paris; mas raros eram os "peregrinos aventurosos que, precedidos por um estandarte portando a imagem do deus da Morte, conseguiam penetrar até nas gargantas superiores para lançar na torrente glaciária tufos de ervas representando seus pecados. Aqueles que retornavam da perigosa viagem realizada até a "Fonte da Vaca", isto é, até o topo do glaciar de onde se projeta o Ganges, viam ainda o imenso anfiteatro nevado do Rudra-Himaleh exibir-se no horizonte, inacessível e misterioso. Os poetas podiam descrevê-lo a seu bel-prazer, nele contemplar em sua imaginação o cume do Meru, cercados de outros cumes, prata, rubi, água-marinha, perfurados de cavernas que davam passagem aos quatro animais sagrados: o elefante, o leão, a vaca e o cavalo, simbolizando os quatro rios: Satledj, Indo, Ganges e Tsangpo. Os leitos fluviais desenvolviam-se de início num quádruplo

círculo em torno do domo de ouro, depois, precipitando-se pelas gargantas e pelas planícies para formar o Oceano. Esse paraíso do Meru encontrava-se sobre as montanhas, estava no céu? Os cumes esbranquiçados, vaporosos como nuvens ou resplandecentes como metais ou gemas, ainda tocavam a terra, mas os deuses ali residiam sem ter de descer do empíreo.

Sobre a vertente oposta dos cimos que separam o mundo gangético do mundo ocidental, sucedem-se os paraísos tradicionais que a lenda judaico-cristã fez-nos conhecer. O mais famoso, esse jardim do Éden, de onde o anjo com a espada flamejante expulsou o primeiro casal humano tentado pela serpente, foi certamente, na memória dos semitas que no-lo descreveram, um lugar de onde seus primeiros antepassados tiveram de fugir: em suas migrações longínquas, eles lamentavam essa pátria perdida, assim como, mais tarde, transportados sob os sálices da Babilônia, nesse mesmo jardim do Éden que outrora lhes havia pertencido, mas onde agora comandavam impiedosos senhores, eles choraram por sua cidade de Jerusalém, também transformada pela memória numa espécie de paraíso. Um grupo de palmeiras, que pende ao confluente de Korna, nas águas unidas do Eufrates e do Tigre, marcaria, diz-se, o próprio local onde se encontrava a árvore do fruto temível, que —

dando-nos o conhecimento do bem e do mal — fez de nós — se compreendermos bem o mito — homens aprendendo a verdade por seus riscos e perigos, passando dolorosamente do estado de ignorância àquele do estudo e do saber. As ruínas de Eridu — a "cidade do Bom Deus", pode ser a mais antiga cidade da Caldéia — espalham-se pelo solo próximo ao confluente, nas duas margens do Eufrates, e foram também um dos "centros da Terra".

Os paraísos dos outros povos antigos, ignorados pela história dita "sagrada", não deixaram a mesma marca daquele do Eufrates na imaginação dos ocidentais; mas a gênese foi a mesma. Todos eles foram imaginados como tendo existido para além das épocas da história, ou ainda como existindo para além dos limites do mundo conhecido. A "idade do ouro", à qual, de decadência em decadência, deveria suceder-se a "idade do ferro", era tida por todos os ancestrais mediterrâneos como um tempo de inocência, paz e felicidade. Os arcadianos míticos, nutridos de landes, deixaram depois deles tal recordação de sua vida afortunada, de seus costumes virtuosos, que até os nossos dias permaneceu um reflexo na arte e um eco na língua. Os navegadores feaces, mais hábeis do que Ulisses, souberam transformar o oceano tempestuoso em uma superfície de água tranqüila, e, sem leme nem remos, viajavam até as extremidades do

mundo para ir visitar os deuses. Até mesmo os cruéis romanos tiveram por antepassados homens simples, gentis e bons, imigrados da Arcádia com seus rebanhos.

Nos tempos históricos, não restava mais nenhum vestígio dessas populações lendárias, mas de todas as partes, no oriente, no sul, no ocidente, no norte, a idade do ouro era presumida prolongar-se para homens vivendo à maneira dos ancestrais. Rumo às fontes do Nilo, na alvorada e no pôr do sol, habitavam os "amigos dos deuses", os "irrepreensíveis" etíopes, os mais belos, os maiores, os mais parecidos com os imortais pela duração da vida. Mais distante, rumo ao ocidente, os jardins das Hespérides floresciam nos vales do país que se tornou a Cirenaica; os lotófagos viviam em sua ilha das Syrtes como em um doce sonho sem fim, e das ilhas "Afortunadas" salpicavam o Oceano para além das colunas de Hércules. Até mesmo um continente, a Atlântida, "ela sozinha maior do que as duas partes do mundo Ásia e Líbia", tinha por habitantes felizes populações. Nas regiões do norte, de onde vinham os ventos e as frialdades, estendia-se a região dos hiperbóreos, "povos inocentes que não conheciam absolutamente a guerra e nunca haviam visitado a impiedosa Nêmesis". Entre eles, os velhos ultrapassavam a idade de mil anos, ou melhor, pode-se dizer que eles não morriam: retor-

navam aos deuses precipitando-se no mar do alto de um rochedo. Talvez se deva ver nesses relatos lendários um longínquo eco dos suicídios de anciãos, tão freqüentes entre os tchuktches da Sibéria; por sinal, a prova de que os gregos tinham um vago conhecimento dessas regiões é que eles atribuíam ao país dos hiperbóreos um dia de seis meses alternando com uma noite de mesmo período: os homens do norte semeavam pela manhã, ceifavam seu trigo ao meio-dia, colhiam seus frutos ao anoitecer e os armazenavam nos celeiros durante a noite. Mas a distância fizera com que os gregos ignorassem o horror pelo gelo e pela tempestade. Os próprios islandeses não imaginavam que na pavorosa cidadela de seus vulcões, Hekla, Katla e Skapta, defendidos por turfeiras vacilantes, areia movediça, gelo, lavas, e amiúde ocultos sob a imensa umbela das cinzas projetadas no espaço, encontrava-se um maravilhoso jardim, um oásis de verdor, banhado por uma atmosfera suave e pela luz?

Conquanto o cristianismo, incapaz de satisfazer aqui em baixo os pobres famintos de felicidade, tivesse-lhes mostrado o paraíso do céu, a "Jerusalém do alto", para desviá-los de vãs esperanças terrestres, a idéia de um país da felicidade obsediava tão bem as imaginações que, depois da descoberta do Novo Mundo, precipitaram-se sobre essas terras do poente, na esperança de ali encontrar o jardim

de delícias perdido pelos ancestrais. Sabe-se que Cristóvão Colombo não buscava apenas as margens orientais da Ásia, a Índia, a China e o misterioso Zimpango, mas esperava também redescobrir o paraíso perdido. Quando chegou no golfo de Pária e seu navio foi arrebatado pela forte correnteza do Orinoco, ele pensou que esse enorme volume de água descia do jardim onde os primeiros parentes houvessem vivido na inocência. Na costa de Veragua, rica em ouro, o navegador, não menos ávido do que místico, fortaleceu-se ainda mais em sua convicção, e acreditou, inclusive, ter sido especialmente escolhido por Deus para pôr as mãos sobre os tesouros necessários à libertação do Santo Sepulcro. Ainda mais crédulos e repletos de confiança em um destino miraculoso, Ponce de León, Pamphilo de Narváez, Hernando de Soto buscam durante anos, não tesouros, mas a Fonte da Juventude que deveria curá-los de todas as enfermidades e assegurar-lhes a eterna juventude. Nunca, talvez, semelhante quimera foi perseguida com tanto furor e deu lugar a semelhantes desastres. Só um homem, e por sinal um dos mais cruéis dessa época tão fecunda em terríveis aventureiros, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, pôde escapar da morte. Mas quantas outras expedições análogas fizeram-se posteriormente na América meridional à procura das ilhas, dos lagos ou das montanhas que o "Homem

Dourado", o *El Dorado*, governava, e cujo palácio erguia suas paredes de diamantes sobre um piso de safiras e rubis! Até o começo deste século, os caçadores de tesouros percorriam os Andes da Patagônia unicamente para ali encontrar uma pretensa cidade de *los Cesares* ou dos "Césares", último avatar do antigo paraíso terrestre, transferido de mundo em mundo pela imaginação dos homens. Assim como os nômades levavam com eles seus deuses laicos em cada novo lar, assim também os fundadores de novas nações deslocavam seus paraísos avançando ao redor do planeta. Mas pouco a pouco esses paraísos perderam seu prestígio: o desgaste dos séculos ofuscava o brilho.

Agora ingressados em uma nova era na qual os homens já não têm a fé necessária para tentar descobrir paraísos distintos em algum lugar da Terra, eles não mais tencionam encontrar jardins naturais onde os frutos vêm por eles mesmos apresentar-se à mão que os colhe. Mas eles conservaram seus interesses e suas paixões; o primeiro de seus direitos, inclusive inscrito em algumas constituições, é a "busca da felicidade". Busca que permaneceria decerto sem efeito se, ela também, não se tornasse ciência, e, por conseqüência, não se apoiasse na observação ou nas experiências repetidas. Ora, a observação é precisamente a obra da geografia, e sabemos com que ardor ela prossegue.

A medida astronômica da Terra, iniciada pelo grego Eratóstenes no vale do Nilo, foi retomada com mais rigor, na Europa, na Índia, na Mauritânia, na América do Norte, nos Andes equatoriais, e agora ela é conhecida com alguns quilômetros de aproximação. Busca-se também aprender e representar em detalhe toda a superfície do planeta com as alturas de seu relevo e as profundidades de suas cavidades, com todos os aspectos de sua forma exterior, e esse imenso trabalho, se ainda não foi concluído, está a um décimo da superfície continental. Os nove décimos restantes estão cartografados de uma maneira geral, e a cada ano cresce a rede das mensuras precisas. Ao mesmo tempo, os homens estudam a capacidade de produção das terras e o conjunto dos recursos anuais; estatísticos procuram estabelecer, por cálculos aproximativos, quantos bilhões de homens viveriam confortavelmente sobre a superfície terrestre, e constatam facilmente que ainda somos bem pouco numerosos em proporção às multidões que a Terra poderia comportar.

Assim, a observação, a metade do problema social, faz-se a cada dia mais ativa. A experiência, o outro elemento necessário da solução, realiza-se com a mesma impulsão, embora de uma maneira talvez menos consciente. Se não se vai mais à descoberta de paraísos naturais, de todas as partes pergunta-se se não seria possível criar novos Édens pela

labuta e pelo bom acordo. O mundo mudou de orientação: não olha mais para o passado. Às centenas foram fundados nos Estados Unidos, no México, no Brasil, na Austrália, até mesmo na velha Europa, na África em grande quantidade, colônias ou falanstérios pelos quais se busca, com maior ou menor sucesso, estabelecer sociedades de trabalhadores felizes. Mas este é o muito pequeno lado da experimentação geral. Além dessas inúmeras empresas que tentam aplicar ao solo as forças industriais, os procedimentos químicos e a força solidarizada do trabalho livre, e que, — na falta de outro mérito, têm ao menos um valor de estudo psicológico — a sociedade inteira, com o turbilhão de seus diversos modos de agir, tornou-se um vasto campo de estudos e experiências para a transformação geral das coisas. Enquanto cristãos esperam ainda um milagre para que a terra divinize-se, sob o governo direto de um "Rei de Glória", outros homens de ideal pensam em humanizar a grande pátria, unir-se com ela de um modo mais íntimo, fazer dela uma residência de felicidade para todos aqueles que nela se encontram. Tal é o verdadeiro objetivo dos homens, e é mantendo esse objetivo incessantemente diante dos olhos que eu espero, meus amigos, participar convosco dessa longa viagem de pesquisas comparadas pelos continentes e pelos séculos.

A geografia, considerada em seu sentido estrito e buscada de uma maneira exclusiva, é um dos estudos mais perigosos. Por sinal, qual é a ciência que não pode ser endurecida, dessecada, privada de toda seiva, reduzida a nada quando se a estuda isoladamente, sem amplitude de espírito, sem largueza de concepções? Todo saber humano deve ter sua parcela de humanidade. Seria melhor não ter aprendido nada e conservar sua inteligência livre, pronta a receber impressões completamente novas, do que encher a cabeça de um imenso cafarnaum sem responder a qualquer idéia.

ÉLISÉE RECLUS

ISBN 978-85-7935-001-6

9 788579 350016